



UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA
Centro de Excelência em Turismo
Graduação de Nível Superior em Turismo

**ANÁLISE DAS PERCEPÇÕES DA COMUNIDADE DE CHAPADA
GAÚCHA (MG) SOBRE O TURISMO DE BASE COMUNITÁRIA**

FELIPE LOBO SÁ

ORIENTADOR: Prof. Dr. João Paulo Faria Tasso

Brasília – 2015

UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA
Centro de Excelência em Turismo
Graduação de Nível Superior em Turismo

**ANÁLISE DAS PERCEPÇÕES DA COMUNIDADE DE CHAPADA
GAÚCHA (MG) SOBRE O TURISMO DE BASE COMUNITÁRIA**

FELIPE LOBO SÁ

ORIENTADOR: Prof. Dr. João Paulo Faria Tasso

Monografia apresentada ao Centro de Excelência em Turismo – CET, da Universidade de Brasília – UnB, como requisito parcial à obtenção do grau de bacharel em turismo.

Brasília – 2015

SÁ, Felipe Lobo.

Análise das percepções da comunidade de Chapada Gaúcha (MG) sobre o turismo de base comunitária / Felipe Lobo Sá – Brasília, 2015.
65 f.

Monografia – Universidade de Brasília, Centro de Excelência em Turismo, 2015.

Orientador(a): Prof. Dr. João Paulo Faria Tasso

1. Turismo de Base Comunitária 2. Desenvolvimento local includente 3. Inclusão socioeconômica 4. Chapada Gaúcha - MG

CDU

UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA
Centro de Excelência em Turismo
Graduação de Nível Superior em Turismo

Monografia apresentada ao Centro de Excelência em Turismo – CET, da Universidade de Brasília – UnB, como requisito parcial à obtenção do grau de bacharel em turismo.

**ANÁLISE DAS PERCEPÇÕES DA COMUNIDADE DE CHAPADA
GAÚCHA (MG) SOBRE O TURISMO DE BASE COMUNITÁRIA**

FELIPE LOBO SÁ

Aprovado por:

Professor:

Professor:

Professor:

Brasília, 11 de dezembro de 2015.

RESUMO

A cada ano cresce o número de pessoas que se deslocam de seu local de residência para conhecer novas localidades, experimentar novas culturas e vivenciar novas paisagens. Localizada na região norte de Minas Gerais, Chapada Gaúcha é um município com grande potencial para o turismo. Contando com diversos atrativos culturais e naturais, com maior destaque para o Parque Nacional Grande Sertão Veredas, a comunidade está inserida em um contexto de baixo desenvolvimento, caracterizado por baixos índices de renda, emprego e desenvolvimento humano. Tendo como base a expansão do turismo, o presente trabalho tem como objetivo analisar a atual situação do setor na localidade, e a percepção da comunidade local sobre a criação de um modelo alternativo (Turismo de Base Comunitária), como instrumento para a inclusão socioeconômica. O estudo se desenvolveu em três etapas: pesquisa bibliográfica, entrevista com os cinco principais atores locais (Secretaria de Turismo, ICMBio, Instituto Rosa e Sertão, Cooperativa Sertão Veredas e Associação Comercial Empresarial), sistematização e análise crítica dos dados obtidos em campo. Os resultados obtidos reforçam a ideia de que o Turismo na localidade ainda está em um estado inicial de desenvolvimento, com grande sazonalidade no fluxo de visitantes e com pouca oferta de estruturas turísticas. Percebem-se, ainda, alguns aspectos favoráveis à criação de ações de Turismo de Base Comunitária que dependem de maior diálogo e coesão entre os atores locais.

Palavras-chave: Turismo de Base Comunitária; desenvolvimento local incluyente; inclusão socioeconômica; Chapada Gaúcha - MG.

ABSTRACT

Each year, there is a growing number of people moving from their home to meet new places, experience new cultures and sights. Located in the north region of Minas Gerais, Chapada Gaúcha is a county with great potential for tourism. Featuring several culture and natural attractions, most notably the Grande Sertão Veredas National Park, the community lives in a low-growth context, characterized by low levels of income, employment and human development. With the growth of tourism in mind, this work aims to analyze the current industry situation in the locality, and the perception of the local community about creating an alternative model (Community-Based Tourism), as a tool for social and economic inclusion. The study is divided in three steps: literature review, interviews with the top five local actors (Secretaria de Turismo, ICMBio, Instituto Rosa e Sertão, Cooperativa Sertão Veredas e Associação Comercial Empresarial), systematization and critical analysis of the data obtained in the field. The results support the idea that tourism in the town is still in an early stage of development, with great seasonality of visitors and with inadequate options of tourism facilities. It is also noticeable some favorable characteristics for the creation of Community-Based Tourism actions that still depend on greater dialogue and cohesion between local actors.

Keywords: Community-Based Tourism; local development; socioeconomic inclusion; Chapada Gaúcha – MG.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1: Logomarca da COOPSertão.....	29
Figura 2: Banner da Cooperativa Sertão Veredas	30
Figura 3: Morro dos Três Irmãos	48
Figura 4: Cartaz do XII Encontro dos Povos do Grande Sertão Veredas.....	49

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1: IFDM de Chapada Gaúcha (2011)	31
Gráfico 2: Evolução anual do IFDM e de suas variáveis - Chapada Gaúcha	32
Gráfico 3: Evolução do IDHM de Chapada Gaúcha	33
Gráfico 4: Renda, Pobreza e Desigualdade em Chapada Gaúcha	35

LISTA DE QUADROS

Quadro 1: Principais desafios para a consolidação do Turismo no município	42
Quadro 2: Percepção do estado de desenvolvimento do Turismo no município.....	45
Quadro 3: Ações relacionadas a Turismo desenvolvidas no município.....	47
Quadro 4: Atuação relacionada com o Turismo de Base Comunitária	50

LISTA DE TABELAS

Tabela 1: Distribuição da População por Gênero e por Zonas Rural e Urbana.	34
Tabela 2: Ocupação da População economicamente ativa – Chapada Gaúcha	36

LISTA DE SIGLAS E ABREVIações

ACE - Associação Comercial Empresarial de Chapada Gaúcha

ADISC - Agência de Desenvolvimento Local Integrado e Sustentável de Chapada Gaúcha

COOPSertão – Cooperativa Sertão Veredas

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

ICMBio – Instituto Chico Mendes de Conservação da Biodiversidade

IDH- Índice de Desenvolvimento Humano

IFDM – Índice FIRJAN de Desenvolvimento Municipal

MTur – Ministério do Turismo

OMT – Organização Mundial do Turismo

PNUD – Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento

TBC – Turismo de Base Comunitária

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	13
Objeto de estudo	13
Justificativa	13
Objetivo Geral	14
Objetivos específicos	15
CAPÍTULO 01 – TURISMO TRADICIONAL, TURISMO DE BASE COMUNITÁRIA: DISCUSSÃO TEÓRICA.....	16
1.1. O Turismo Tradicional e seus impactos	17
1.2. O Turismo de Base Comunitária como alternativa	19
<i>Homo situs X Homo oeconomicus</i>	23
Hospitalidade.....	24
CAPÍTULO 02 - CHAPADA GAÚCHA - CONTEXTUALIZAÇÃO HISTÓRICA, GEOGRÁFICA E SOCIOECONÔMICA.....	26
2.1. Dados geográficos do Município.....	26
2.2. Atores Locais envolvidos na gestão do Turismo	27
2.2.1. Secretaria de Meio Ambiente e Turismo	27
2.2.2. Instituto Chico Mendes de Conservação da Biodiversidade – ICMBio	28
2.2.4. Instituto Rosa e Sertão	28
2.2.3. Cooperativa Sertão Veredas	29
2.2.4. Associação Comercial Empresarial (ACE).....	30
2.3. Dados estatísticos e demográficos de Chapada Gaúcha	31
CAPÍTULO 03 – METODOLOGIA E RESULTADOS DA PESQUISA	38
3.1. Metodologia	38
3.1.1. Pré-campo.....	38
3.1.2. Campo	39
3.2. Análise dos Resultados	41
3.2.1. Problemas e Oportunidades	42
3.2.2. Ações	46
3.2.3. Turismo de Base Comunitária	50
3.2.4. Análise Crítica	51
CONSIDERAÇÕES FINAIS	56
REFERÊNCIAS	59
APÊNDICE	61

INTRODUÇÃO

O Turismo é um fenômeno social cuja importância cresceu de maneira exponencial nos últimos anos. Distante da falsa noção de que o Turismo é a solução para todos os problemas socioeconômicos de uma localidade, o trabalho que segue busca investigar o atual estágio de desenvolvimento do Turismo no município de Chapada Gaúcha, Minas Gerais.

Serão apresentados diversos dados e informações relativos a atual situação econômica do município e sua relação com o Turismo. Em um primeiro momento serão apresentados o objeto desse estudo, a justificativa do trabalho e os objetivos almejados.

Em seguida, no Capítulo 1, faz-se uma discussão teórica sobre os temas centrais do trabalho, dentre eles o turismo de base comunitária. No capítulo seguinte é apresentada uma breve contextualização do espaço em que se desenvolve o estudo, nesse momento são apresentadas características históricas, geográficas, demográficas e econômicas de Chapada Gaúcha e dos principais atores envolvidos com o turismo.

No terceiro capítulo, são apresentados os resultados referentes a pesquisa de campo. Nesse momento são apresentados os dados e informações obtidos durante o trabalho prático e também é feita uma análise relacionando as os dois primeiros capítulos com o material obtido em campo.

Por fim, são apresentadas as considerações finais do trabalho, com a síntese e reflexão sobre os principais resultados obtidos.

Objeto de estudo

O presente trabalho tem como objeto a análise do atual estado de desenvolvimento do Turismo em Chapada Gaúcha, Minas Gerais, e o estudo sobre as percepções locais quanto à viabilidade da criação de ações de Turismo de Base Comunitária no destino.

Justificativa

O município de Chapada Gaúcha - MG foi criado pela Lei 12.030 de 21 de dezembro de 1995, com a junção dos Distritos de Chapada Gaúcha e Serra das Araras. Localizado no semi-árido Norte Mineiro, distancia-se aproximadamente 340 Km de Brasília, e é a porta de entrada para o Parque Nacional Grande Sertão Veredas, o maior parque nacional da região do Cerrado.

Apesar de sua localização privilegiada, Chapada Gaúcha só passou a experimentar um aumento do fluxo de visitantes a partir da pavimentação do trecho da rodovia BR-479 que liga a sede do município a Arinos. Com a conclusão da obra em 2012 e o fortalecimento do “Encontro Nacional dos Povos do Grande Sertão Veredas”, importante evento regional, o município vivencia crescimento no fluxo de turistas para a região (Prefeitura Municipal, 2015).

Por outro lado, conforme a análise de dados do Índice FIRJAN de Desenvolvimento Municipal (IFDM) e do Atlas do Desenvolvimento Humano no Brasil, o turismo ainda não tem contribuído, aparentemente, para uma melhora significativa dos índices de emprego e renda da região. Como será detalhado mais a frente, os resultados do município na parte de Emprego e Renda sofrem variações inconstantes e estão no patamar de “baixo desenvolvimento”.

Portanto, pretende-se com esse trabalho, compreender a situação atual do turismo e avaliar, a partir das percepções de atores e grupos de atores locais, possibilidades e a viabilidade de se fomentar o Turismo de Base Comunitária como atividade alternativa.

A prática do TBC representa um contra-ponto ao modo tradicional de se desenvolver o turismo. Nesse sentido, a pesquisa busca melhor entender se os benefícios reais do desenvolvimento do turismo de base comunitária, em um município de pequeno porte, podem mitigar o cenário de baixa contribuição supracitado, e quais suas vantagens em relação ao modelo hegemônico tradicional.

Levando em conta as características culturais e naturais do município de Chapada Gaúcha, vislumbra-se a possibilidade de se planejar, junto aos atores locais, um modelo de turismo que seja adequado a interesses e às necessidades da população do município.

Objetivo Geral

Analisar as percepções da comunidade de Chapada Gaúcha quanto às possibilidades de fomento de um modelo alternativo de turismo, pautado nos pressupostos da economia solidária (Turismo de Base Comunitária).

Objetivos específicos

Os objetivos específicos estão distribuídos em cinco, são eles:

- (a) - Identificar os atores chave envolvidos no processo desenvolvimento do turismo local;
- (b) - Entender o estado atual em que se encontra o Turismo diante do modelo praticado no município;
- (c) - Avaliar o Turismo de Base Comunitária como instrumento alternativo de geração de trabalho, emprego e renda;
- (d) - Investigar as percepções dos atores locais quanto a possibilidade de se desenvolver práticas do TBC na localidade;

CAPÍTULO 01 – TURISMO TRADICIONAL, TURISMO DE BASE COMUNITÁRIA: DISCUSSÃO TEÓRICA

O Turismo é um fenômeno social que, muito recentemente, se tornou objeto de investigação e de pesquisa. Suas primeiras conceituações surgiram somente na primeira metade do século XX. Por ter um grande viés econômico e ser influenciado por diversas áreas de conhecimento, como administração, psicologia, história, geografia e ecologia, o Turismo ainda está começando a formular suas questões fundamentais e seus paradigmas.

Inicialmente, é preciso compreender os requisitos básicos para que uma viagem seja considerada turística. Para isso, são aqui apresentados e explorados alguns conceitos, a fim de se evidenciar as características fundamentais do Turismo.

O primeiro conceito é da Organização Mundial de Turismo (OMT), de 2014, para a qual o Turismo engloba as atividades realizadas por uma pessoa durante viagens e estadas em locais diferentes de seu entorno habitual, com duração inferior a um ano, e com finalidade de lazer, negócios ou outras.

Nesse primeiro conceito podemos notar a questão do deslocamento se dar para áreas diferentes das habituais, o fato de a duração ser inferior a um ano e, ainda, a finalidade dos deslocamentos, que não podem ser por uma obrigação imposta, como no caso de viagens a trabalho.

Vale citar alguns outros conceitos que complementam a definição da OMT, como o conceito tratado por De La Torre(1992, *apud* IGNARRA, 2003), que entende que:

O turismo é um fenômeno social que consiste no deslocamento voluntário e temporário de indivíduos ou grupos de pessoas que, fundamentalmente por motivos de recreação, descanso, cultura ou saúde, saem do seu local de residência habitual para outro, no qual não exercem nenhuma atividade lucrativa nem remunerada, gerando múltiplas inter-relações de importância social, econômica e cultural. (OSCAR DE LA TORRE, 1992, *apud* IGNARRA, 2003, p. 13)

No fragmento anterior, é interessante destacar a questão da interação entre visitantes e visitados. Como será evidenciado ao longo deste trabalho, a interação entre culturas tem sido relegada a segundo plano, e essa desvalorização tem acarretado em impactos negativos para atividade como um todo.

Outra definição que aborda o aspecto cultural do Turismo é a de Moesch. Para ela, a relação entre turista e habitante local é o principal aspecto do fenômeno.

(...) uma prática social com base cultural, com herança histórica, a um meio ambiente diverso, cartografia natural, relações sociais de hospitalidade, troca de informações interculturais. (MOESCH, 2000, p.09).

Tendo em vista a grande importância do intercâmbio cultural inerente ao turismo e sua crescente marginalização, busca-se demonstrar com esse trabalho a possibilidade de se reforçar esse e outros aspectos positivos da atividade ao se organizar e planejar o turismo de uma maneira mais inclusiva e menos voltada para resultados puramente econômicos.

1.1. O Turismo Tradicional e seus impactos

Tendo experimentado grande aceleração de seu crescimento a partir da globalização e da superação das fronteiras entre as nações, o Turismo fortaleceu-se sob uma lógica de produção industrial. Apesar de trabalhar com lugares e experiências e possuir um produto final intangível, o Turismo apropria-se dos locais em que se estabelece e transforma a vida dos habitantes que já estavam estabelecidos antes de sua chegada.

O Turismo Tradicional, ou Turismo de Massa, baseia-se na exploração das potencialidades de um determinado local de modo a extrair o máximo de lucratividade no menor tempo possível, negligenciando aspectos culturais, sociais e ambientais.

Este modelo de turismo, comumente conhecido como Turismo de Sol e Mar (ou Sun, Sand and Sea), trouxe consigo impactos sócio-ambientais negativos irreversíveis, como a ocupação desordenada de ecossistemas frágeis (como dunas, mangues etc.), o crescimento da exploração sexual de crianças e adolescentes, a especulação imobiliária, a pressão sobre as comunidades tradicionais costeiras, dentre outros. (BARTHOLO et. al., 2011, p. 23)

O entendimento do Turismo como “indústria” se limita à lógica de mercado, sendo que, normalmente, os benefícios e rendimentos da atividade se concentram nas mãos dos grandes empresários do setor, restando a população local apenas uma parte ínfima das receitas geradas, além é claro, de toda a degradação socioambiental.

(...) o acompanhamento e a avaliação das experiências tradicionais de turismo demonstram que nem sempre ele está associado ao desenvolvimento das localidades onde se estabelece apesar de seu significativo crescimento ano a ano e do notável aumento das receitas provocado por ele. Observa-se também que órgãos oficiais e instituições de pesquisa do setor vêm mostrando crescente preocupação com as questões econômicas, sociais e ambientais em virtude dos significativos impactos, geralmente aliados ao turismo de massa. (BARTHOLO et. al., 2011, p. 02)

É fundamental compreender que o Turismo não gera apenas problemas sociais e impactos ambientais. Apesar das críticas relacionadas a uma gestão pouco planejada e consciente do Turismo, são inegáveis os benefícios que a atividade pode gerar como o incremento da renda local, a criação de postos de trabalho, a qualificação da infraestrutura básica e uma maior arrecadação do governo local.

Apesar dos impactos positivos mais evidentes, é necessário se discutir o alcance desses impactos. De pouco adianta para uma comunidade receber visitantes de diversas partes do mundo ao custo da degradação de suas paisagens ou da exploração da mão-de-obra local. Além de concentrar os benefícios gerados, o Turismo nesse contexto torna-se insustentável no longo prazo.

Vivemos atualmente uma lógica que privilegia o “ter” em detrimento do “ser”, isto é, uma pessoa é importante na medida em que é capaz de acumular bens, dinheiro, conquistas profissionais e, mais recentemente, “destinos turísticos”. No modo de vida atual, são pouco valorizados conhecimento, cultura, valores, experiências e saberes tradicionais, quando as viagens deixam de ser, segundo Krippendorf (1989, p.10), “o desejo de fazer descobertas e de realmente aprender alguma coisa”.

Krippendorf (1989) afirma que a expansão econômica tornou-se a razão de vida do homem contemporâneo, de tal modo que a economia deixou de ser um instrumento para melhorar a vida humana, tornando-se a razão de vida dos homens.

Adaptando-se a essa nova lógica de vida humana, o Turismo assume a função de instrumento de lazer e de descanso. O Turismo torna-se a atividade fundamental do período de férias, devendo recuperar as energias e o ânimo das pessoas que deverão voltar a produzir e trabalhar após retornar de viagem.

O autor destaca o lado perverso dessa lógica que se estabeleceu no século passado e que perdura até os dias atuais, ao ressaltar que:

Os habitantes das regiões visitadas começam a sentir, também, um certo rancor em relação aos efeitos negativos do êxodo das massas turísticas. Essa população tem, cada vez mais, a impressão de que são invadidas por esse desenvolvimento e, ao mesmo tempo, dele excluídas. (KRIPPENDORF, 1989, p.15).

Conforme evidenciado, a maior falha do turismo tem sido sua incapacidade de gerar desenvolvimento. A estrutura produtiva atual, os valores difusos, a falta de tempo, o consumismo exacerbado, a desumanização das relações sociais, todos esses fatores associados geraram um turismo impessoal.

Esse modelo de turismo seria caracterizado principalmente pela estruturação de pacotes de viagens padronizados, com experiências limitadas e com foco nas paisagens paradisíacas que são ofertadas. As empresas do ramo preocupam-se em criar um produto que possa ser consumido pelo maior número de pessoas, que seja facilmente comercializado e que se encaixe no imaginário consolidado das viagens de férias.

No entanto, esse tipo de turismo vem perdendo espaço conforme evidenciado por Zaoual (2008, p. 57):

Como mostra Florence Deprest em uma pesquisa sobre o turismo de massa, este último perdeu seu atrativo, ao mesmo tempo, junto à clientela e aos especialistas, sociólogos ou economistas, do turismo. Este fenômeno de repulsão atinge também o turismo dito de elite, à medida que ele também não escapa da crise do gerenciamento uniformizador das atividades turísticas.

Após evidenciar a mudança de abordagem da experiência turística que vem ocorrendo, cabe apresentar uma das possibilidades que tem sido fortalecida nos últimos anos e que pode interessar especificamente a região estudada.

1.2. O Turismo de Base Comunitária como alternativa

Sabe-se que a economia solidária segue alguns princípios básicos, dentre os quais dois são de maior destaque para o TBC: a cooperatividade e a igualdade entre os produtores. Isso implica dizer que, em uma economia solidária os agentes econômicos devem cooperar e não competir entre si, isto é, o produto de uma atividade tem sua utilidade vinculada aos produtos de outras atividades. Já a igualdade refere-se propriedade coletiva dos meios de produção, em oposição ao modelo clássico, em que há um proprietário com diversos empregados (SINGER, 2002).

Conhecendo os preceitos da economia solidária, entende-se por turismo de base comunitária a atividade turística que é organizada, gerida e planejada com foco na comunidade local. O turismo de base comunitária diferencia-se do modo tradicional de organização da atividade por valorizar aspectos sociais e ambientais acima dos aspectos puramente econômicos.

Para Bursztyn (2012), esse é um dos aspectos de destaque do TBC, uma vez que trabalha a possibilidade de pequenos empreendimentos individuais ao invés dos consagrados (porém pouco eficientes para melhora da qualidade de vida local) resorts. Desse modo, os habitantes locais participam de maneira mais direta e menos periférica dos benefícios econômicos gerados pelo turismo.

Apesar de ser um fenômeno relativamente recente, principalmente no Brasil, há diversos autores que trabalham com essa temática a quem se pode recorrer a fim de delimitar de maneira mais clara as características do TBC. Maldonado (2009), por exemplo, apresenta sua visão sobre práticas de turismo de base comunitária em comunidades rurais da América Latina.

O Turismo Rural Comunitário responde a um segmento do mercado especializado (nicho) ao dirigir-se a pequenos grupos de viajantes em busca de experiências pessoais originais e enriquecedoras, combinando vivências culturais autênticas, desfrutando de cenários naturais e de uma remuneração adequada do trabalho comunitário. (MALDONADO, 2009, p. 26)

Já Zaoual aborda a temática por um viés mais econômico e social, tratando principalmente do desenvolvimento local, conforme trecho a seguir.

Nestes casos, a comunidade é sujeito de seu próprio avanço, participando desde a concepção do turismo até seu desenvolvimento e gestão, considerando a complexidade, a diversidade e as realidades locais. (ZAOUAL, 2008)

Dessa maneira, entende-se o desenvolvimento local por um viés mais sustentável, onde ocorre a dinamização da economia e a melhoria da qualidade de vida. Nessa proposta, é necessário que o poder público garanta a distribuição igualitária dos benefícios econômicos e preserve os recursos naturais, de outro modo, não há sustentabilidade do desenvolvimento (BUARQUE, 2008).

Ao relacionar os dois conceitos, pode se destacar os aspectos fundamentais para que se enquadre uma experiência turística no modelo de base comunitária.

Primeiramente, é preciso que haja a participação efetiva da comunidade local nas diversas etapas que envolvem o turismo. Os habitantes locais devem ter voz ativa na tomada de decisões relativas a estruturação da localidade em que vivem. A esse processo, dá-se o nome de empoderamento local.

A comunidade local precisa ser empoderada para decidir quais os tipos de oferta turística e de programas de conservação do meio-ambiente que querem que sejam desenvolvidos em suas respectivas comunidades, e como os custos e benefícios do turismo devem ser compartilhados entre os diferentes atores. (AKAMA, 1996, p. 573 apud SCHEYVENS, 1999, p. 246)

Autores como Sofield (2003) e Simpson (2008) destacam a necessidade de a comunidade participar ativamente na organização da atividade, e não apenas ser conduzida por organizações ou agente internos que acabam tornando-se os verdadeiros atores responsáveis pelo turismo.

A questão do empoderamento também está intimamente ligada ao desenvolvimento incluyente, uma vez que ambos os conceitos trabalham com a ideia de garantir direitos civis, cívicos e políticos para a população normalmente excluída desses círculos (SACHS, 2008). Isto é, o TBC pode ser uma ferramenta que se fortalece com o empoderamento local e que fortalece a inclusão socioeconômica.

Outro aspecto de extrema importância é a originalidade e a veracidade da experiência que se pretende oferecer aos visitantes. É característica comum na maioria das iniciativas de Turismo Comunitário na América Latina a promoção de localidades com belas paisagens e manifestações culturais únicas (BURSZTYN, 2012). No entanto, caso não estejam preservadas as características singulares, ou não haja uma cultura que seja incomum para os turistas, o Turismo de Base Comunitária dificilmente será viabilizado.

Esse é outro momento em que o TBC reforça sua orientação contrária ao modelo tradicional. A mudança de foco, valorizando aspectos culturais e socioambientais em detrimento aos fatores financeiros e econômicos, contribui para a humanização do turismo (CORIOLANO, 2009).

Como destacado no trecho a seguir, é importante compreender que o TBC é fortemente comprometido com a sustentabilidade. Esse compromisso começa na maneira em que a atividade é organizada, desde o planejamento definido pela população local, até o turista que deve compreender que a experiência comunitária exige uma abordagem mais responsável sobre o local visitado.

Hiwasaki (2006, p. 677) define TBC como um conjunto de atividades que devem objetivar, primeiramente, a capacitação dos membros comunitários e a apropriação de meios de produção e de consumo que se dará por meio do empoderamento da comunidade local e da participação ampliada desses agentes no planejamento e na gestão das atividades turísticas. Em segundo lugar, as atividades devem proporcionar a conservação dos recursos naturais e/ou culturais da localidade e do seu entorno, seguidas de ações que potencializem o desenvolvimento econômico e social na área protegida e ao seu redor e, por fim, que privilegiem um fluxo de visitantes que se comprometam com as questões sociais e ambientais do local. (BARTHOLO et al, 2011, p. 11)

Deve-se compreender que o TBC não tem como foco o enriquecimento da população local. Apesar de ser uma experiência cujo valor relativo normalmente supera o de pacotes

tradicionais, seu público alvo é, numericamente, bastante inferior, até mesmo para garantir os menores impactos possíveis. Desse modo, o Turismo Comunitário deve ser entendido como um meio de aumentar a renda de populações tradicionais e proteger paisagens e culturas da lógica predatória do mercado mundial.

Ainda, é importante destacar que o incremento da renda das comunidades locais se configura numa necessidade primária dentro dos pressupostos da inclusão social, melhor entendido por inclusão socioeconômica. Entende-se por inclusão socioeconômica um modelo dividido em duas possibilidades: inclusão direta, quando o crescimento da renda individual ocorre pelo emprego no Turismo, e inclusão indireta, quando o incremento da renda ocorre por atividade econômica relacionada com o setor (TASSO, 2014).

Relacionado a inclusão socioeconômica e a conservação natural e cultural, Maldonado faz o seguinte apontamento:

A vontade de superar a pobreza levou milhares de comunidades a buscar fontes alternativas de renda frente aos limitados resultados da economia de sobrevivência. Uma das opções implementadas é a dinamização das atividades não-agrícolas: a pequena agroindústria doméstica, o turismo e os ecomercados possuem um potencial ainda não explorado. Sem ser uma panacéia, o turismo, gerido sob determinadas condições, pode contribuir na revitalização da economia rural, gerando novas fontes de emprego e de renda. A valorização do patrimônio ambiental e dos acervos culturais pode significar vantagens competitivas para os negócios comunitários. (MALDONADO, 2009, p. 27)

Delimitadas as características do Turismo Tradicional e do Turismo de Base Comunitária, é interessante aprofundar-se na origem das diferenças entre essas duas modalidades de turismo. Como citado anteriormente, a grande influência da economia mundial na vida das pessoas afeta o modo de pensar e viver das pessoas.

Pautada pela lógica do trabalho, a sociedade segue a premissa de que deve produzir e consumir para manter a máquina econômica em constante expansão. Essa filosofia de vida implica, necessariamente, em um esgotamento físico e psicológico dos seres humanos.

Para garantir a saúde física e psicológica das peças responsáveis pelo funcionamento desse sistema, são definidos períodos em que é permitido que as pessoas se afastem de sua ocupação rotineira e recuperem suas energias. Para atender a demanda por lazer, entretenimento e descanso, surge a “indústria” do turismo.

Deve-se lembrar que o fenômeno do turismo já existia, mas sua popularização e o grande crescimento desse mercado só puderam ocorrer a partir da revolução nos transportes e

na comunicação. Nesse contexto, foi natural o surgimento de empresas especializadas que deram origem ao que chamamos de Turismo de Massa.

Como já citado anteriormente, esse sistema tem se modificado nos últimos tempos. Avanços científicos e a crescente conscientização das pessoas quanto aos males gerados pela expansão irracional do sistema produtivo geraram conflitos e novas maneiras de se pensar a produção mundial. Não é coincidência o fato de o Turismo alternativo estar se fortalecendo no mesmo momento em que se questionam a produção de alimentos em grande escala, a exploração da mão de obra na produção industrial, os alarmantes níveis de degradação e poluição gerados pelo uso displicente dos recursos naturais.

Apoiando-se nesse debate, são apresentados, a seguir, conceitos que ajudam a compreender as diferenças entre o pensamento e a percepção das pessoas que estão profundamente ligadas ao modelo tradicional, e a filosofia das pessoas que buscam mudar a lógica dominante, ou ao menos, manter um meio de vida mais sustentável.

Homo situs X Homo oeconomicus

Esses dois conceitos são utilizados por Zaoual em seu artigo, de 2008, sobre o Turismo situado como alternativa ao Turismo de massa. Nesse texto, Zaoual explora a teoria dos sítios simbólicos de pertencimento (ZAOUAL, 2003;2006, *apud* BARTHOLO et. al., 2011).

O que interessa para esse trabalho é o contraste entre o homem que vai além das relações mercadológicas tradicionais, *homo situs*, que é capaz de analisar de maneira mais detalhada e interdisciplinar a própria realidade, a fim de tecer relações mais adequadas ao contexto em que está inserido. Já o *homo oeconomicus* possui a visão econômica mais clássica e pauta suas relações por valores de troca pré-estabelecidos.

Nesse sentido o *homo situs* representa a tipo identitário mais compatível com as práticas do Turismo de Base Comunitária. Por ser uma pessoa mais consciente da sua realidade e das necessidades de sua comunidade, é capaz de identificar quais os padrões e limites a serem respeitados no desenvolvimento do turismo.

Às formas de propriedade e modo de gestão dos empreendimentos nas iniciativas pesquisadas é diverso, confirmando o que Zaoual (2006) argumenta sobre a diversidade de soluções existentes nas economias locais, em que as relações simbólicas permeiam as econômicas e vice-versa, configurando-se assim iniciativas enraizadas, típicas dos sítios simbólicos de pertencimento. (BARTHOLO et. al., 2011, p. 14)

Segundo o estudo de Zaoual, o *homo oeconomicus* tenderia a uma visão mais economicista e mais condizente com os valores impessoais do mercado mundial. Dessa maneira, seu padrão de conduta e de tomada de decisões se baseia mais nas vantagens econômicas que é capaz de vislumbrar, relegando ao segundo plano as particularidades da região em que habita.

Hospitalidade

Encerrando essa etapa, de discussão teórica é explorado o conceito de hospitalidade e sua relação com o TBC. Como a hospitalidade é encarada de maneira diversa e mais humanizada em relação ao modo como normalmente é compreendida. No fragmento seguinte, retirado do Marco Referencial teórica para o TBC, podemos perceber que as relações de hospitalidade são fundamentais para esse modelo.

Não comercializam o que os turistas desejam; disponibilizam o que entendem ser valioso, em termos culturais e ambientais. O intercâmbio, as relações são o princípio fundamental do TBC. Assim como quem busca, está aberto a se adaptar e valorizar os códigos dos lugares visitados. Trata-se, portanto de um turismo que tem nas relações de hospitalidade a principal motivação. (BARTHOLO et. al., 2011, p. 16)

É fundamental perceber que a hospitalidade descrita acima refere-se às relações humanas de acolhimento e de afetividade entre visitantes e visitados. Enquanto que no Turismo tradicional a hospitalidade é normalmente pensada em seu viés mais material, relacionada às estruturas de suporte ao turista como meios de hospedagem, transporte, opções de alimentação e etc, no TBC a questão primordial é a construção da relação entre comunidade local e turista.

Por tratar-se de uma possibilidade mais humanizada que o Turismo de Massa, o TBC permite encontros e trocas únicas entre visitantes e visitados, estando na base dessa atividade (BURSZTYN, 2012). Desse modo, a hospitalidade configura-se como o diferencial do produto ofertado pelo TBC, conforme o trecho seguinte.

Portanto, a perspectiva apontada por Rocha (2003), fundamentada em Buber, viola as fronteiras sociológicas para afirmar o sentido de comunidade como um compromisso a ser pactuado entre turistas e anfitriões e vivido por meio de relações de diálogo, como um caminho de enriquecimento humano considerando que “não é negada a possibilidade de interferência entre as culturas, mas que ela aconteça em equidade na afirmação de identidades.” (BARTHOLO et al, 2011, p. 20)

Independentemente da paisagem visitada, dos atrativos explorados e da cultura demandada, todos esses aspectos aliados à relação de troca de experiências entre anfitrião e hóspede, com benefícios para ambos, é o que caracteriza o principal avanço do Turismo Comunitário em relação ao Turismo de Massa.

Não importa a qualidade percebida das estruturas de suporte, não importa o requinte da refeição ofertada, não importa o distanciamento entre quem recebe e quem chega, o fator que qualifica e diferencia a experiência do TBC é a relação construída com as pessoas e com a localidade visitada. O que se busca é o conhecimento e o reconhecimento da outra realidade, é a viagem que gera crescimento e enriquecimento cultural dos turistas e da comunidade local.

CAPÍTULO 02 - CHAPADA GAÚCHA - CONTEXTUALIZAÇÃO HISTÓRICA, GEOGRÁFICA E SOCIOECONÔMICA

2.1. Dados geográficos do Município

O município de Chapada Gaúcha/MG, segundo dados da Prefeitura, foi criado pela Lei 12.030, em 21 de dezembro de 1995, com a junção dos Distritos de Chapada Gaúcha e Serra das Araras. Localizado no semi-árido Norte Mineiro está a, aproximadamente, 340 Km de Brasília e 678 Km de Belo Horizonte. A área do município é de 3.214,70 km² e representa 0.5481% da área do Estado.

Localizada na mesorregião Norte de Minas e na microrregião de Januária, Chapada Gaúcha faz divisa ao norte com o Estado da Bahia, a noroeste com Formoso, a oeste com Arinos, ao sul com Urucuia, Pintópolis e São Francisco e a leste com Januária.

Localizada em uma região cuja vegetação predominante é o Cerrado, Chapada Gaúcha tem experimentado significativo crescimento econômico graças a tendência que se observa nacionalmente, o deslocamento do agronegócio para o Brasil Central.

Segundo projeção do IBGE de 2014, possui pouco mais de doze mil habitantes e tem como principal fonte de renda as atividades ligadas ao setor primário, com grande destaque para a produção de sementes forrageiras e soja. A vocação para o agronegócio fica evidente para o visitante muito antes de se chegar a cidade, pois em boa parte do caminho se observam as grandes plantações.

Chapada também é a porta de entrada para o Parque Nacional Grande Sertão Veredas, o maior parque nacional da região do Cerrado. Pelo elevado interesse da região para a agricultura de larga escala, é fundamental reconhecer a possibilidade de conflitos em uma área em que se vislumbra tão claramente a fronteira entre o agronegócio e a natureza intocada.

Com relação ao Parque Nacional, sua criação se deu em 1989 e atualmente possui a maior área de proteção no bioma Cerrado. Conforme dados colhidos junto ao ICMBio (2013), o Parque possuía originalmente uma área de pouco mais de 80.000 hectares, sendo que cerca de 20% dessa área estava localizada no município de Chapada Gaúcha.

Em 2003 entidades ligadas a preservação da natureza, junto ao Ibama e grupos locais, solicitaram a ampliação da área do Parque em 120.000 hectares. A região em que ocorreu a expansão está localizada no Estado da Bahia. Essa expansão permitiu que o Parque alcançasse a área atual de cerca de 231.000 hectares, tornando-se o maior parque nacional do bioma Cerrado.

Atualmente administrado pelo ICMBio, o parque possui elevado interesse turístico por contar com paisagens paradisíacas, diversidade de fauna e flora, rios, cachoeiras e trilhas. Além disso, diversas paisagens do parque serviram de inspiração para a criação da obra de Guimarães Rosa, com maior destaque para “Grande Sertão Veredas”, livro de grande importância para a literatura nacional e reconhecido internacionalmente.

Outro fato destacável relacionado ao Parque Nacional é o trabalho educativo realizado pelo ICMBio. O Instituto realiza visitas guiadas ao Parque, conduzindo alunos da rede de ensino local, representantes comunitários e do poder público. Essas visitas tem o objetivo de conscientizar as pessoas quanto à importância da preservação do bioma local.

Também se deve lembrar que algumas das pessoas removidas da área do Parque habitam localidades em seu entorno e são auxiliadas pelo órgão ambiental no desenvolvimento de atividades que aproveitem os materiais que o bioma local oferece. Por esse motivo, agricultores familiares são autorizados a realizar extrativismo vegetal no entorno do parque. Ao produzir doces, geléias, temperos e artesanato utilizando frutos e plantas do cerrado como matéria prima, essas pessoas contribuem para a manutenção e para a valorização da vegetação nativa.

2.2. Atores Locais envolvidos na gestão do Turismo

Há diversos atores locais que se envolvem no dia-a-dia do município e que tem grande peso para o planejamento e gestão do Turismo. Podendo pertencer tanto ao setor público quanto ao setor privado, há grupos diversos que atuam na região e que foram considerados durante o desenvolvimento deste trabalho.

É possível que pequenas comunidades ou outros grupos com interesse pelo Turismo não tenham sido vislumbrados nessa pesquisa. No entanto, entende-se que os principais atores envolvidos com a atividade foram apresentados e tiveram participação fundamental nos resultados apresentados.

2.2.1. Secretaria de Meio Ambiente e Turismo

Há no município a Secretaria de Meio Ambiente e Turismo, responsável por gerir e administrar as relações do poder público com o turismo e com a preservação do meio ambiente.

Sabe-se que a atuação dessa secretaria engloba projetos desenvolvidos em parceria com outras instituições, apoio a cursos de capacitação e ações conjuntas com o ICMBio dentro do Parque Nacional.

Além disso, a pasta é um dos entes do poder público que apoiam o Encontro dos Povos do Grande Sertão Veredas, grande evento que ocorre no município e que envolve diversas comunidades do Mosaico do Sertão Veredas – Peruaçu.

Com um orçamento menos abastado do que o de outras secretarias, sua atuação se restringe a ações mais pontuais e a projetos apoiados financeiramente por órgãos estaduais e federais. A inventariação da oferta turística, por exemplo, foi desenvolvida em parceria com empresários locais e SEBRAE.

2.2.2. Instituto Chico Mendes de Conservação da Biodiversidade – ICMBio

Com um nível de atuação mais restrito ao Parque Nacional, o Instituto Chico Mendes de Conservação da Biodiversidade (ICMBio) é um importante ator a ser considerado na região. Cabe ao instituto, por exemplo, definir como pode ser feita a visitação no parque, quais áreas podem receber maiores ou menores grupos de pessoas, contratar guardas e licenciar guias que conheçam e percorram o parque.

É o ICMBio que libera e regula o acesso público ao parque e, portanto, é evidente sua função na mensuração da capacidade de carga da unidade de conservação.

Apesar de não trabalhar diretamente com a população, o ICMBio utiliza a mão de obra local para a função de guarda parque. A combinação da experiência científica do corpo técnico com a vivência local dos guarda parques pode melhorar o serviço prestado e aumentar o interesse da população pelo Parque.

2.2.4. Instituto Rosa e Sertão

Entidade representativa da população local, o Instituto Rosa e Sertão surgiu em 2007 por iniciativa de professoras de educação infantil e fundamental, de moradores de comunidades tradicionais e de agentes culturais.

Por muito tempo o Instituto foi o principal organizador do Encontro dos Povos do Grande Sertão Veredas, ficando afastado do evento nos últimos dois anos.

Esse encontro regional atrai visitantes, mobiliza agentes econômicos e promove o intercâmbio cultural entre grupos e habitantes das Regiões Norte e Noroeste de Minas Gerais. O evento também é um dos momentos em que o fluxo turístico para a Região experimenta

grande pico, sendo destacado por todos os atores como uma das datas mais importantes do calendário municipal.

Grande catalisador de iniciativas, o Rosa e Sertão também promove ações que envolvem a comunidade local na tomada de decisões do turismo, capacitam pessoas para atender os turistas, valorizam a cultura local e fortalecem mecanismos de economia solidária.

2.2.3. Cooperativa Sertão Veredas

Outro importante grupo de atores locais que é considerado na viabilização de quaisquer iniciativas de turismo é a Cooperativa Sertão Veredas. Sendo uma organização sem fins lucrativos, sua atuação se dá no beneficiamento e comercialização de produtos oriundos do Cerrado, na agricultura familiar e em ações de sustentabilidade.

A Cooperativa Sertão Veredas tem sua sede em Chapada Gaúcha- MG e representa produtores agrissilviextrativistas e agricultores familiares. As figuras a seguir mostram a logomarca da cooperativa e o banner exposto em frente à sede.



Figura 1: Logomarca da COOPSertão
Fonte: Cooperativa Sertão Veredas (2015)



Figura 2: Banner da Cooperativa Sertão Veredas
Fonte: Arquivo pessoal do autor.

Iniciou suas atividades em paralelo à criação da Unidade de Beneficiamento de Produtos do Cerrado e da Agricultura Familiar, abrangendo famílias de comunidades do Entorno do Parque Nacional Grande Sertão Veredas, por meio de um projeto apoiado pelo MMA e implantado pela FUNATURA entre os anos de 2003 e 2006.

A cooperativa é a entidade representativa dos agricultores que possui atuação mais próxima ao turismo. Por explorar matérias primas do cerrado como o Buriti e o Pequi e produzir alimentos de maneira mais tradicional, os cooperados já podem contribuir para a cadeia produtiva do turismo, e devem, portanto, participar de discussões e debates sobre o turismo na região.

2.2.4. Associação Comercial Empresarial (ACE)

Entidade representativa de comerciantes e empresários do Município de Chapada Gaúcha. A associação representa os interesses de seus associados junto ao poder público local e desenvolve ações diversas de qualificação e adequação com apoio de outros grupos e entidades como o SEBRAE, por exemplo.

É um ator de destaque por se tratar, possivelmente, do grupo com maior interesse no crescimento econômico do município. Atualmente é o principal representante dos comerciantes dentro do quadro turístico pela ausência de um grupo que reúna apenas

empresários do setor. Nesse sentido, cabe a ACE defender a posição do comércio local nos debates sobre Turismo.

2.3. Dados estatísticos e demográficos de Chapada Gaúcha

A seguir são apresentados alguns gráficos e tabelas com informações e dados relativos a Chapada Gaúcha e que ajudam a compreender a situação socioeconômica do município. Os dois primeiros gráficos apresentados são relativos ao Índice Firjan¹.

Esse índice relaciona variáveis como educação, saúde, emprego e renda e serve para mensurar o nível de desenvolvimento do município. Os resultados para cada uma das variáveis varia entre 0 e 1, sendo que os valores ideais são os mais próximos de 1 e valores próximos a 0 são indicativos de baixo desenvolvimento. O valor final do Índice Firjan também varia entre 0 e 1 e segue a mesma lógica aplicada as variáveis que o compõe.

No **Gráfico 1**, apresentado a seguir, pode-se observar que o IFDM do município estava no patamar de desenvolvimento regular em 2011. Seu nível, relativamente baixo, deve-se à variável Emprego e Renda, com índice de 0.3393, bastante baixo se comparado a Educação e Saúde.

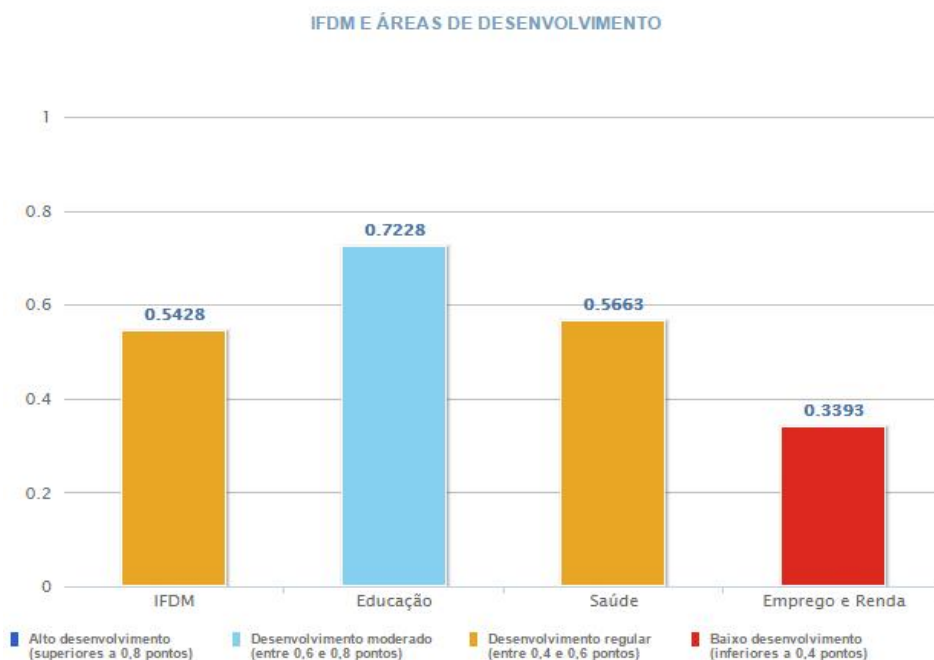


Gráfico 1: IFDM de Chapada Gaúcha (2011)

Fonte: Índice Firjan de Desenvolvimento Municipal (2014)

¹ Índice FIRJAN de Desenvolvimento Municipal é um estudo do Sistema FIRJAN que acompanha anualmente o desenvolvimento socioeconômico dos municípios brasileiros em três áreas: Educação, Saúde e Emprego e Renda.

No segundo gráfico apresentado observa-se a evolução histórica do IFDM. Pode-se notar que o índice de Chapada Gaúcha apresenta crescimento entre os anos de 2005 a 2009, e que nos anos de 2008, 2010 e 2011, a variável de Emprego e Renda sofreu quedas bruscas.

Esse fato gerou decréscimo em todo o índice, apesar do crescimento apresentado pelas outras duas variáveis. É fundamental destacar o fato de apenas o índice de emprego e renda permanecer oscilante, fato esse que inviabiliza o crescimento constante do IFDM do município em questão.



Gráfico 2: Evolução anual do IFDM e de suas variáveis - Chapada Gaúcha

Fonte: Índice Firjan de Desenvolvimento Municipal (2014)

Após breve análise dos dados presentes nos dois gráficos, percebe-se que o município não manteve ou elevou os níveis de emprego e renda. Esse fato pode se justificar pela grande dependência do setor primário por parte da economia local.

Sabe-se que o setor primário é vulnerável a variações climáticas, econômicas e políticas, desse modo o desenvolvimento de uma proposta de turismo de base comunitária pode ajudar a diminuir eventuais perdas econômicas, ao diversificar a fonte de renda da população local.

Por se tratar de um modo de Turismo que preza por uma maior inclusão socioeconômica da população, o TBC é uma alternativa para a geração e distribuição de renda dentro do município.

Deve-se ter sempre em mente que o Turismo não representa uma panaceia, apesar de gerar aumento de renda também pode representar um risco para os habitantes locais. Dessa maneira é fundamental que haja um trabalho cuidadoso de planejamento e execução para que o Turismo tenha seus efeitos negativos reduzidos.

Pelo **Gráfico 3**, apresentado em seguida, percebe-se que, apesar da elevada taxa de crescimento, o IDH municipal de Chapada Gaúcha ainda é inferior ao IDHM do Brasil e do Estado de Minas Gerais.

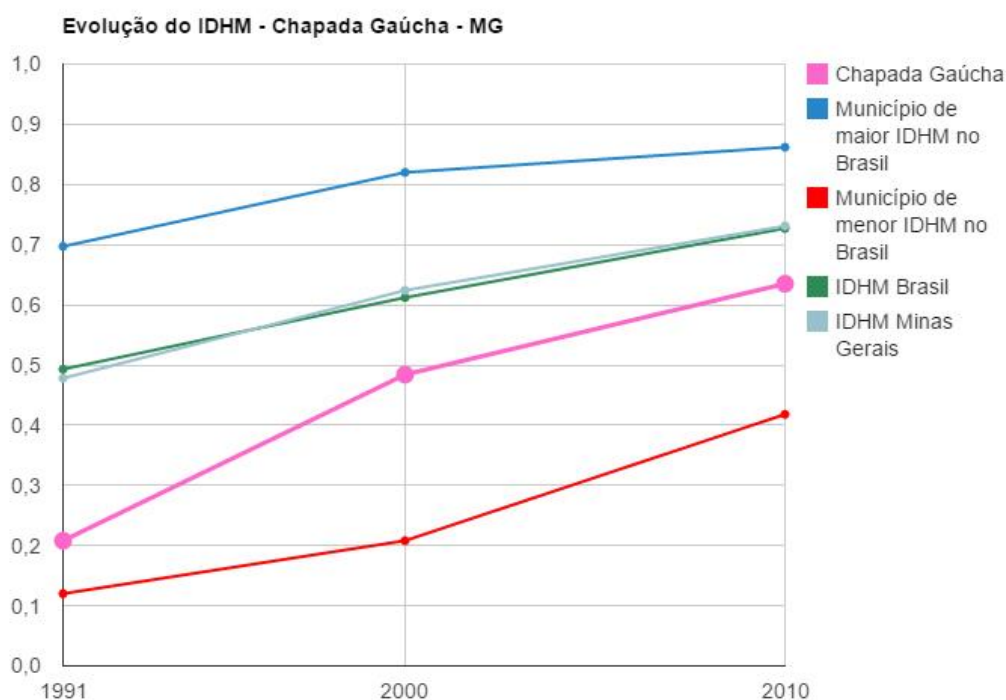


Gráfico 3: Evolução do IDHM de Chapada Gaúcha

Fonte: Atlas do Desenvolvimento Humano dos Municípios, PNUD (2015)

Observa-se que a expansão econômica da região ocorrida entre 1991 e 2000 foi fundamental para o acelerado crescimento do IDH nesse período. Percebe-se, no entanto, que o crescimento econômico não foi suficiente para manter o mesmo ritmo na década seguinte além de o município ainda possuir um IDH inferior às médias do estado e do país.

Correlacionando os três gráficos apresentados podemos notar avanços na qualidade de vida e no desenvolvimento do município de Chapada Gaúcha. No entanto, a localidade permanece em uma situação bastante inferior à da média nacional. A partir desses dados podemos perceber que apesar da elevação na renda gerada pelo agronegócio, não houve o mesmo impacto na melhora da qualidade de vida da população local.

Na **Tabela 1** que se segue, apresenta-se a movimentação da população em direção ao centro urbano e a crescente emigração do campo. Pode-se perceber que a movimentação do campo para a cidade cresceu demasiadamente nos últimos anos. Em muitos casos, a infraestrutura básica e de serviços que a cidade oferece é um dos grandes atrativos.

Tabela 1: Distribuição da População por Gênero e por Zonas Rural e Urbana.

População	População (1991)	% do Total (1991)	População (2000)	% do Total (2000)	População (2010)	% do Total (2010)
População total	5.569	100,00	7.270	100,00	10.805	100,00
Homens	2.924	52,50	3.813	52,45	5.636	52,16
Mulheres	2.645	47,50	3.457	47,55	5.169	47,84
Urbana	602	10,81	3.080	42,37	5.761	53,32
Rural	4.967	89,19	4.190	57,63	5.044	46,68

Fonte: Atlas do Desenvolvimento Humano dos Municípios, PNUD (2015)

É importante destacar, que em um espaço de tempo aproximado de vinte anos a população urbana que antes representava pouco mais de 10% do total de habitantes do município alcançou patamar superior a 53% em 2010.

Essa informação é de grande importância, pois esse esvaziamento do campo e consequente crescimento da cidade também implica na expansão dos serviços públicos, de sua complexidade, e o desenraizamento do homem às suas atividades tradicionais rurais.

O impacto do crescimento da cidade para o Turismo relaciona-se com o aumento do número de meios de hospedagem e alimentação, além de uma maior disponibilidade de serviços públicos como saneamento básico, abastecimento de água, rede elétrica e telefônica, infraestrutura para transporte e etc. Com relação as consequências negativas pode-se citar a

especulação imobiliária, o crescimento desordenado, o aumento da produção de lixo, o crescimento da criminalidade, dentre outros.

No caso específico de Chapada Gaúcha, é importante destacar que alguns dos principais atrativos se encontram afastados da sede do município. Por esse motivo, é importante que o acesso à zona rural e aos atrativos mais afastados também receba cuidados para garantir o fluxo turístico para a região.

A seguir são apresentados alguns gráficos do Atlas do Desenvolvimento da PNUD que servem para detalhar a questão de Renda e Emprego dentro do município.

No **Gráfico 4**, são apresentados dados relacionados com pobreza e desigualdade. O que fica evidente no primeiro momento é o fato de ter havido uma pequena redução na porcentagem de pobres comparando a primeira e a segunda medição e, apesar da grande diminuição observada no terceiro resultado, os números ainda são elevados.

Renda, Pobreza e Desigualdade - Chapada Gaúcha - MG

	1991	2000	2010
Renda per capita (em R\$)	122,50	253,67	282,53
% de extremamente pobres	40,51	38,54	20,16
% de pobres	75,64	65,39	35,32
Índice de Gini	0,45	0,71	0,51

Fonte: PNUD, Ipea e FJP

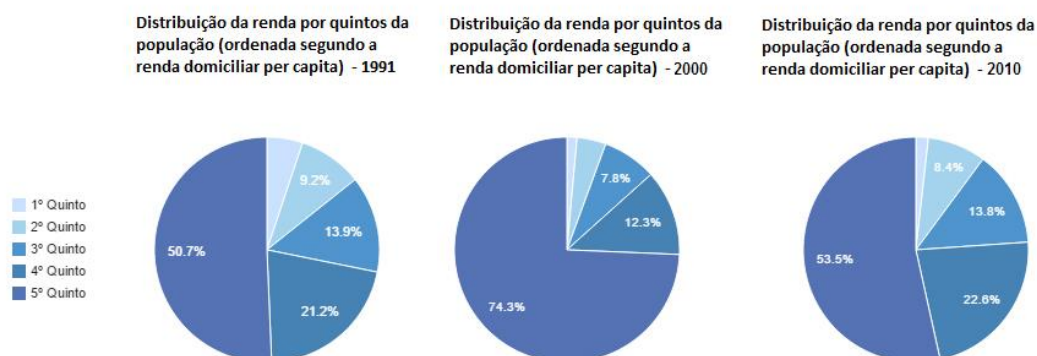


Gráfico 4: Renda, Pobreza e Desigualdade em Chapada Gaúcha

Fonte: Atlas do Desenvolvimento Humano dos Municípios, PNUD (2015)

Como evidenciado pelas informações apresentadas, o número de pessoas em estado de pobreza dentro do município chegou a ser superior a 75% em 1991, e na última pesquisa havia chegado ao valor de 35%. Apesar de ter caído por mais que a metade, o número de pessoas vivendo na pobreza ainda é elevado.

O gráfico também ilustra como essas pessoas tem pequena participação na geração de renda do município. Conforme informações do Atlas do Desenvolvimento, o índice de Gini, instrumento utilizado para medir a concentração de renda em alguma localidade, variou da seguinte maneira: era de 0,45, em 1991, passou para 0,71, em 2000, e para 0,51, em 2010.

O índice varia entre 0 e 1, sendo que 0 representa a situação de total igualdade, ou seja, todos têm a mesma renda, e o valor 1 significa completa desigualdade de renda, ou seja, se uma só pessoa detém toda a renda do lugar.

A partir disso, podemos perceber que o crescimento econômico do município, iniciado a partir de 1991, não significou uma distribuição de renda mais justa, uma vez que o menor índice de Gini observado foi o da primeira medição. Há de se reconhecer, no entanto, que após um alto nível de concentração de renda, observado na pesquisa do ano 2000, o índice voltou a se reduzir dez anos depois.

O resultado das pesquisas não deve ser analisado fora de um contexto. O resultado do ano 2000 provavelmente indica um crescimento exponencial da renda de poucos habitantes locais enquanto que o resultado de 2010 além de indicar uma melhora na distribuição de renda também pode ter sido afetado por uma eventual desaceleração do setor produtivo local.

Para o Turismo interessa perceber que a matriz produtiva do município se mostra ineficaz no atendimento das necessidades dos mais pobres. Está aberto um espaço que pode ser ocupado pelo Turismo, uma vez que uma de suas características é aproveitar-se de conhecimentos que muitas vezes não estão necessariamente ligados a educação formal ou a qualificação profissional.

A **Tabela 2**, apresentada a seguir, complementa o quadro da situação econômica do município com informações sobre a taxa de ocupação da população economicamente ativa.

Tabela 2: Ocupação da População economicamente ativa – Chapada Gaúcha

Ocupação da população de 18 anos ou mais - Chapada Gaúcha - MG		
	2000	2010
Taxa de atividade	56,24	69,88
Taxa de desocupação	13,17	6,12
Grau de formalização dos ocupados - 18 anos ou mais	18,20	26,38
Nível educacional dos ocupados		
% dos ocupados com fundamental completo	23,72	45,32
% dos ocupados com médio completo	15,28	27,90
Rendimento médio		
% dos ocupados com rendimento de até 1 s.m.	71,83	52,63
% dos ocupados com rendimento de até 2 s.m.	89,45	88,89
Percentual dos ocupados com rendimento de até 5 salários mínimo	96,05	98,68

Fonte: Atlas do Desenvolvimento Humano dos Municípios, PNUD (2015)

Inicialmente percebemos que entre 2000 e 2010, a taxa de atividade da população de 18 anos ou mais (população economicamente ativa) passou de 56,24% para 69,88%. Nesse mesmo período, a taxa de desocupação passou de 13,17% para 6,12%.

É interessante destacar que, em 2010, as pessoas ocupadas com 18 anos ou mais se distribuíam da seguinte maneira: 52,27% trabalhavam no setor agropecuário, 0,11% na indústria extrativa, 2,58% na indústria de transformação, 5,66% no setor de construção, 0,05% nos setores de utilidade pública, 6,22% no comércio e 29,80% no setor de serviços.

Outras duas informações fundamentais presentes na tabela são a do grau de formalização das pessoas empregadas, com uma taxa de 26,38%, e o nível de escolaridade, com apenas 45,32% tendo concluído ensino fundamental e 27,90% concluído o ensino médio. Nos dois casos apresentados, os números são muito baixos e ajudam a compreender o baixo desenvolvimento do índice de renda e emprego e a elevada concentração de renda.

Novamente, os gráficos e tabelas nos mostram um município com forte dependência do setor primário, com uma renda per capita baixa, baixo nível de qualificação profissional e grande concentração de renda. Todos os resultados negativos observados nos gráficos são característicos de localidades em que o agronegócio implantou seu modo clássico de operação.

Tendo em conta os dados e informações apresentados, a ideia de que o Turismo pode representar uma alternativa econômica para o município se fortalece, principalmente para a população de baixa renda da zona rural. Longe de representar uma panaceia, o Turismo, se bem planejado e trabalhado, tende a diversificar a fonte de renda local e fomentar o desenvolvimento de outros setores como o da pequena produção (arranjos produtivos).

O Turismo é um setor menos estafante do que o setor da agricultura. Demanda maior qualificação e, por consequência, pode gerar melhorias educacionais dentro do município. Além disso, o Turismo de Base Comunitária representa uma atividade preocupada em levar os benefícios econômicos da atividade até os habitantes de menor renda, que no caso de Chapada Gaúcha seriam principalmente as pequenas comunidades e os agricultores familiares.

CAPÍTULO 03 – METODOLOGIA E RESULTADOS DA PESQUISA

3.1. Metodologia

O desenvolvimento do presente trabalho dividiu-se em três etapas distintas. Inicialmente buscou-se contextualizar o local de pesquisa por meio de informações referentes a população, geografia e territorialidade, histórico-evolutivo, socioeconomia e aspectos ambientais locais. As fontes utilizadas para essa primeira parte do trabalho foram diversas.

3.1.1. Pré-campo

Os dados relativos à história do município, dados demográficos e informações relativas à infraestrutura local, foram levantados no site da Prefeitura Municipal, no endereço eletrônico do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), no site do Sistema Firjan (para coleta de dados sobre o Índice Firjan de Desenvolvimento Municipal) e no Atlas do Desenvolvimento Humano no Brasil. Tais bases de dados serviram de fonte para elaboração de gráficos interpretativos, quadros e tabelas contidos no capítulo relativo à contextualização do município.

Nessa primeira etapa foram exploradas as características que mais se relacionam com o Turismo e que serviram para representar a atual situação da região. Dados relativos à renda, ocupação profissional, índice de Gini, índice de escolaridade foram apresentados para cumprirem com tal objetivo.

Dados preliminares sobre os atores e grupos de atores locais foram levantados, inicialmente, em seus respectivos sites. É importante destacar que o site do ICMBio também serviu como fonte de informações sobre o Parque Nacional do Grande Sertão, principal atrativo natural da região.

A compreensão sobre a situação socioeconômica do município, a percepção sobre sua história e sobre suas características intrínsecas, permitiu um maior e melhor entendimento sobre as potencialidades turísticas e problemas latentes no Município de Chapada Gaúcha.

Na segunda etapa foi realizado o levantamento bibliográfico e documental por meio da seleção de textos, artigos, livros e demais publicações de autores com referência nos temas abordados, que serviram como fonte para melhor compreensão sobre os conceitos centrais, e para posterior análise crítica e abertura de debates propostos nesse trabalho.

Dentre os autores presentes nas obras levantadas, cabe maior destaque a Bartholo Jr., Bursztyn, Campos, Maldonado, Coriolano e Zaoual. Sendo os textos desses autores os que

apresentavam informações mais relevantes para a observação crítica do quadro do Turismo e de Turismo de Base Comunitária em Chapada Gaúcha.

Há ainda as obras analisadas para referenciar o Turismo Tradicional e seus conceitos. Nessa parte se destacam Moesch, Bartholo Jr., Bursztyn, Sachs, De la Torre e Krippendorf com suas contribuições críticas sobre o tema.

Na etapa da discussão teórica buscou-se contrapor o Turismo Tradicional ao Turismo de Base Comunitária. Como dito anteriormente, o TBC representa uma possibilidade de Turismo com viés mais humanizado e social, focado em promover econômica e socialmente as localidades em que se desenvolve. O Turismo Tradicional é compreendido em seu viés mais mercadológico e focado nos benefícios econômicos em detrimento as esferas social e ambiental.

3.1.2. Campo

Após essa etapa, focou-se na elaboração do instrumento de pesquisa (ver APÊNDICE) que seria aplicado em campo. Por tratar-se de uma pesquisa qualitativa, optou-se pela utilização da entrevista semi-estruturada.

É digno de nota que a escolha pela pesquisa qualitativa se deu por essa ser mais adequada para explorar conceitos e ideias mais complexas, que dependem da interpretação de opiniões e percepções diversas, conforme Demo (2000).

A entrevista semi-estruturada permite ao pesquisador uma estrutura básica para orientar seu trabalho enquanto preserva sua liberdade na condução da entrevista. Para Coles, Duval e Shaw (2013) a entrevista semi-estruturada pressupõe uma lista clara de tópicos e de perguntas a serem abordadas enquanto preserva a possibilidade do entrevistador fazer as perguntas no momento e da maneira que considerar mais apropriada.

A construção do roteiro de entrevistas também se dividiu em partes. A primeira etapa consistiu na identificação da instituição/ator entrevistado. Nessa etapa estão as perguntas que focam na assimilação dos dados básicos do entrevistado, como o nome, idade, gênero, formação profissional, tempo e foco de atuação.

A segunda parte recebeu o título de “Problemas/Oportunidades” e buscava identificar as principais dificuldades e obstáculos relacionados à atuação da instituição/grupo de atores no município, os problemas enfrentados pela atividade turística e as oportunidades para o setor e para os habitantes locais.

A terceira etapa buscava identificar as ações desenvolvidas pelos diversos atores e grupo de atores. Nesse momento as ações poderiam se relacionar com o Turismo de maneira direta e indireta. Isto é, ações de fomento à produção ou qualificação profissional que não fossem voltados para o turismo, mas que impactassem o setor, seriam identificadas nesse momento.

Por fim, a última parte buscava entender a relação do entrevistado com o Turismo de Base Comunitária. Nesse momento eram identificadas práticas de economia alternativa, capacitação para atuação ou criação de pequenos negócios, identificação e organização de grupos com interesse, valorização da cultura tradicional e interação entre pequenos produtores e mercado turístico.

Os atores entrevistados fazem parte de cinco esferas distintas de atuação local. Tratam-se de representantes do (1) poder público, da (2) população, dos (3) pequenos produtores rurais, do (4) empresariado, e do (5) principal órgão de gestão ambiental local. A escolha por esses atores baseou-se no fato de serem os principais envolvidos com o Turismo, seja como organizadores e gestores, seja como a parte que sofre impacto direto em seu modo de vida.

Vale destacar que a escolha pela inclusão da população local baseia-se nas ideias de Maldonado (2009) e Zaoual (2008), que entendem que os principais interessados nos rumos do Turismo são os habitantes locais. Ambos os autores destacam a importância da comunidade para atrair o turista e para definir os rumos que a atividade deve tomar.

Para representar o poder público foi escolhida a Secretaria de Meio Ambiente e Turismo de Chapada Gaúcha. A escolha pela Secretaria se justifica por tratar-se do órgão responsável pela gestão, organização e planejamento do Turismo em Chapada Gaúcha.

Para a população local foi escolhido o Instituto Rosa e Sertão. O Instituto foi escolhido por ser um órgão com histórico de atuação, além de amplo reconhecimento e representatividade tanto por habitantes locais quanto pelos outros atores.

Para os pequenos produtores foi escolhida a Coop Sertão. A Cooperativa foi escolhida por representar os pequenos produtores rurais que trabalham com agricultura familiar e extrativismo, contraponto aos outros produtores que estão ligados ao agronegócio.

Para reconhecer a visão dos empresários locais foi escolhida a Associação Comercial Empresarial. Essa Associação foi escolhida por ser a entidade local que reúne os empresários locais e também por não haver uma associação exclusiva para empresários do Turismo.

Por fim, para representar a visão dos órgãos de gestão e de proteção do meio ambiente foi escolhido o ICMBio, principal entidade responsável pela gestão do Parque Nacional.

A maior parte dos contatos foi disponibilizada pelo Presidente da Agência de Desenvolvimento Local Integrado e Sustentável de Chapada Gaúcha (ADISC). O primeiro contato com os entrevistados, para agendamento das entrevistas, se deu por telefone no momento da chegada ao município mineiro, com exceção do representante do ICMBio que foi abordado na sede do próprio Instituto.

No primeiro dia em campo foram entrevistados representantes da COOP Sertão e do ICMBio, entrevistas essas que serviram para reforçar a vocação do município para o turismo ecológico além de detalhar as ações relacionadas a educação ambiental, qualificação produtiva e agricultura familiar.

No segundo dia de trabalho a Secretária de Turismo e o Presidente da Associação Comercial foram os entrevistados. As informações levantadas nesse segundo dia de trabalho complementaram informações do primeiro dia, além de evidenciar as dificuldades relacionadas à política e a gestão do Turismo.

As representantes do Rosa e Sertão não possuíam tempo hábil para a entrevista durante o período do trabalho de campo, no entanto, enviaram as suas respostas posteriormente por e-mail. Com essas respostas foi possível sistematizar e interpretar os resultados da pesquisa de campo, apresentados em seguida.

3.2. Análise dos Resultados

No presente tópico são apresentados os resultados obtidos na pesquisa de campo realizada entre os dias 06 e 08 de outubro, no Município de Chapada Gaúcha – MG, por meio de entrevistas semi-estruturadas com atores locais previamente definidos e apresentados no tópico sobre Metodologia. As discussões e opiniões ressaltadas pelos cinco representantes locais serviram para a elaboração de um quadro sistematizado da situação do Turismo no destino.

Seguindo a mesma lógica do roteiro de perguntas das entrevistas, os resultados também são apresentados por tópicos temáticos. Inicialmente são apresentados os “problemas e as oportunidades” relacionados ao Turismo.

Em seguida, as “ações” que cada uma das entidades tem desenvolvido no município e que se relacionem com o Turismo. Por fim, o tópico que trata sobre as percepções dos entrevistados quanto ao “Turismo de Base Comunitária” e do trabalho realizado para o fortalecimento dessa nova proposta.

3.2.1. Problemas e Oportunidades

Na primeira parte, a primeira questão de destaque buscava entender qual é o maior desafio para a consolidação do Turismo na região. Conforme apresentado no **Quadro 1**, as respostas dos entrevistados foram separadas em quatro categorias: recurso financeiro; infraestrutura básica, qualidade de serviços e estruturas; e gestão pública ineficiente.

ATORES	DESAFIOS			
	Recurso Financeiro	Infraestrutura Básica	Qualidade de Serviços e Estruturas	Gestão Pública Ineficiente
Secretaria de Meio Ambiente e Turismo	X		X	
ICMBio	X	X	X	
Instituto Rosa e Sertão		X		X
COOP Sertão			X	
Associação Comercial Empresarial	X		X	X

Quadro 1: Principais desafios para a consolidação do Turismo no município

Fonte: elaborado pelo próprio autor, a partir da pesquisa de campo.

Para a Secretaria de Meio Ambiente e Turismo, ICMBio e Associação Comercial um dos grandes desafios para a consolidação do Turismo no município se relaciona com a baixa disponibilidade de recursos.

A Secretaria não possui recursos para investir na estruturação e na promoção dos atrativos. Nos momentos em que ocorreram ações de inventariação e qualificação, os projetos foram apoiados por recursos e entidades federais ou estaduais.

Os recursos do ICMBio estão voltados para manutenção de cercas e estruturas básicas de apoio aos guardas. Com isso, não há recursos suficientes para melhorar ou criar estruturas para atender os visitantes. O plano de uso turístico do Parque Nacional ainda não foi concluído, por esse motivo ainda há carência de verbas destinadas especificamente à estruturação de trilhas e de um centro de visitantes.

Já os empresários entendem que falta recurso para qualificar a estrutura receptiva local. A Associação entende que não há disponibilidade de recursos específicos para o Turismo. Segundo o empresariado local, ainda há problemas fundamentais para serem

resolvidos como a inclusão socioeconômica das pequenas comunidades, e isso dificultaria a destinação de verbas para a atividade.

Dois atores citaram a infraestrutura básica como um dos problemas, o ICMBio e o Instituto Rosa e Sertão. O representante do órgão ambiental lembrou o fato de boa parte de sua atuação inicial ter se voltado para recuperar estruturas básicas: “Quando vim para cá, há três anos e meio, tinha a intenção de focar a gestão do parque para a parte externa, apoiando as comunidades do entorno, mas devido aos problemas estruturais, tive que me voltar muito para dentro do Parque”.

O Rosa e Sertão enxerga que o desafio seria pensar primeiramente nos habitantes locais, investindo na melhoria da infraestrutura básica, definida pela entrevistada como precária conforme trecho a seguir: “É muito importante entendermos o lugar como também bom para quem mora e não apenas para aquele que visita. Temos várias comunidades que o acesso se dá por meio de 4x4. Ótimo. Mas para o dia a dia não é”.

Todos os atores, com exceção do Rosa e Sertão, apontaram a baixa qualidade de serviços e estruturas voltadas ao atendimento específico do turista como um grande desafio.

No caso da Secretaria de Turismo, destacou-se a falta de linhas de ônibus para transporte interno e ligando o município às cidades próximas. Não há linhas de ônibus regulares que operem no município ligando a sede aos outros distritos, e apenas uma empresa faz o transporte entre Brasília e Chapada Gaúcha.

Também foi citada a necessidade de ações para qualificar profissionais para atuar no setor. Segundo a fala da secretária, a principal necessidade do município no atual momento seria por guias de turismo. Em complemento a esse fato está a fala do presidente da ACE que afirma que a maior parte do comércio local não possui funcionários de atendimento que falem outro idioma, por exemplo.

O representante do ICMBio apontou como maior dificuldade o atual estado do Parque Nacional, que possui estruturação precária para atender os visitantes e poucos recursos para investir na melhoria das atuais estruturas, como trilhas e estradas. Novamente evidencia-se o prejuízo causado pela não conclusão do plano de uso turístico do Parque.

A Cooperativa de agricultores enxerga a falta de estrutura para o armazenamento, processamento e transporte de suas mercadorias como o maior desafio para as atividades da cooperativa. Quando questionados sobre o relacionamento de suas atividades com o Turismo, o presidente afirmou que a Cooperativa não possui uma opinião formada sobre o tema, mas que segue as orientações e pautas definidas pelo Rosa e Sertão.

Vale destacar que a resposta da Cooperativa foi enquadrada nesse tópico, pois, apesar de o problema apontado relacionar-se com a estrutura produtiva, entende-se que influencia diretamente na capacidade de oferta dos produtos da cooperativa para o mercado turístico.

Para a Associação Comercial, conforme apresentado no tópico anterior, a estrutura e os serviços voltados para o turismo são precários. Para o comércio local, é fundamental que se invista em qualificação para o atendimento dos turistas e na melhoria da estrutura turística relacionada a hospedagem, alimentação e atrativos.

Os únicos atores a apontar a gestão pública como um problema foram população local e empresários. É importante perceber que apesar de estarem englobadas no mesmo tópico, as opiniões dos dois entrevistados são bastante diferentes.

Para a representante do Instituto, a dificuldade relacionada com a gestão pública do turismo diz respeito ao empoderamento dos conselhos comunitários, criados para dar voz às comunidades.

Segundo ela, os conselhos foram criados em um momento anterior, mas ainda não possuem efetividade. Dessa maneira, alguns desses grupos se esvaziaram. A luta atual é para reativar os conselhos e legitimá-los como espaços para debates e tomada de decisões a cerca das demandas locais.

Para os empresários, a questão da gestão pública relaciona-se com as dificuldades impostas pela legislação ambiental e o pouco apoio do poder público para o desenvolvimento do setor.

Percebe-se que o empresariado local se sente desfavorecido pelo pouco diálogo com o poder público. Segundo a fala do presidente da Associação, os comerciantes locais possuem grande interesse pelo Turismo, mas o governo municipal não estaria disposto a incentivar a atividade, seja com investimento financeiro, seja com a flexibilização da burocracia e da legislação ambiental.

A outra questão de destaque nesse tópico diz respeito a percepção dos atores locais quanto ao atual estado de desenvolvimento do Turismo em Chapada Gaúcha. A sistematização dos resultados para essa questão se deu por meio da elaboração do **Quadro 2**, no qual a percepção se divide em cinco possibilidades: potencial inexplorado; instrumento educativo; papel de divulgação; gerador de recursos; desenvolvimento gradual.

ATORES	Percepção				
	Potencial Inexplorado	Instrumento Educativo	Papel de Divulgação	Gerador de Recursos	Desenvolvimento Gradual
Secretaria de Meio Ambiente e Turismo	X		X		X
ICMBio	X	X			X
Instituto Rosa e Sertão	X			X	X
COOP Sertão	X		X	X	
Associação Comercial Empresarial	X			X	

Quadro 2: Percepção do estado de desenvolvimento do Turismo no município

Fonte: elaborado pelo próprio autor, a partir da pesquisa de campo.

A semelhança de opiniões entre todos os atores esteve presente na perspectiva de que o município possui um potencial ainda pouco explorado, com destaque para o potencial cultural que foi citado pela Secretária de Turismo, pelo Presidente da Cooperativa de Agricultores e, com maior profundidade, pela representante do Instituto Rosa e Sertão. ICMBio e Associação Comercial destacaram os potenciais naturais, citando, apenas brevemente, os pequenos distritos como Serra das Araras e Vão do Buracos como possíveis atrativos.

O único entrevistado a destacar o papel educativo do Turismo na região foi o gestor do Parque Nacional, que citou as visitas e excursões escolares como instrumento para a conscientização quanto a importância da preservação da vegetação nativa do Cerrado.

A Secretária de Turismo e o Presidente da Cooperativa lembraram a importância do Turismo para a divulgação da região. No caso específico dos agricultores, foi destacado o fato de que o Turismo também serve para divulgar produtos da cooperativa em locais mais distantes da região. Nesse momento o presidente destacou o fato de grande parte dos turistas também visitarem a sede da cooperativa, tanto para conhecer o processo produtivo quanto para adquirir produtos.

O empresariado, os agricultores e a população local percebem o Turismo como um meio de incrementar a renda local, no entanto, esse viés econômico só é mais claramente observado nos períodos de maior fluxo, como no Encontro dos Povos do Grande Sertão. Durante o restante do ano o Turismo gera pouco acréscimo na renda local. Vale destacar que

o Presidente da Associação Comercial enxerga no Turismo uma possibilidade de diversificar a economia local, ainda muito dependente do agronegócio.

Por fim, Secretaria de Turismo, ICMBio e o Instituto Rosa e Sertão percebem o desenvolvimento atual do Turismo no município como gradual e planejado. Para esses atores, apesar das dificuldades envolvendo investimentos e estruturas, o Turismo segue por um caminho gradual, que permitirá um desenvolvimento planejado do setor, evitando um crescimento vertiginoso que poderia gerar grandes impactos negativos para a população local.

O empresariado percebe o desenvolvimento do Turismo como muito lento ou inexistente, e os agricultores ainda não enxergam grandes diferenças ou contribuições geradas pelo setor, atribuindo ao Instituto Rosa e Sertão a maior responsabilidade sobre a resolução do problema.

3.2.2. Ações

Na parte da entrevista que investiga as ações desenvolvidas por cada um dos personagens, as respostas apresentaram as maiores diferenças. Em alguns casos, as perguntas serviram para compreender melhor o nível de ação das entidades dentro do município, independentemente do Turismo.

Nesse momento são exploradas as respostas que guardam maior relação com o Turismo, apresentando um menor aprofundamento nas respostas que não se relacionam com a atividade.

A primeira questão de destaque nessa parte da entrevista buscava identificar atividades voltadas para a qualificação e diversificação da oferta turística do município. Pode-se dividir as respostas dos entrevistados em cinco grupos (inventariação; participação em eventos; qualificação e divulgação; planejamento e estruturação; e educação), conforme apresentado no **Quadro 3**.

ATORES	Ação				
	Inventariação	Participação em Eventos	Qualificação e Divulgação	Planejamento e Estruturação	Educação
Secretaria de Meio Ambiente e Turismo	X	X		X	
ICMBio	X	X		X	X
Instituto Rosa e Sertão		X	X	X	
COOP Sertão		X	X		
Associação Comercial Empresarial	X		X		

Quadro 3: Ações relacionadas a Turismo desenvolvidas no município

Fonte: elaborado pelo próprio autor, a partir da pesquisa de campo.

As ações desenvolvidas pela Secretaria de Meio Ambiente e Turismo se enquadram na parte de inventariação, pois a Secretaria desempenhou a função de levantar informações relativas aos atrativos da região, a oferta de meios de hospedagem, bares e restaurantes. Há ainda a participação e o apoio dado ao Encontro dos Povos do Grande Sertão, além do trabalho que está sendo feito em parceria com outros dez municípios para se estruturar o Circuito Urucuia Grande Sertão.

O ICMBio foi a entidade que se enquadrou no maior número de grupos de ações, sendo a parte de “qualificação e divulgação” o único tipo de atividade não desenvolvida pelo Instituto. Na parte de Inventariação, cabe ao ICMBio inventariar os atrativos, trilhas e locais de interesse dentro do Parque Nacional. Entre os atrativos citados pelo entrevistado, é de grande destaque o Morro dos Três Irmãos (Imagem 2). Por sua proximidade com a sede do município, é um dos locais em que deve ocorrer a estruturação mais rapidamente.



Figura 3: Morro dos Três Irmãos
Fonte: Arquivo pessoal do autor do trabalho.

A instituição participa em mesas de debate e palestras promovidas no município, e sua atividade mais recorrente são as visitas guiadas dentro do Parque, principalmente com excursões escolares, como forma de educação ambiental.

É importante salientar a participação do órgão ambiental na estruturação e no apoio dado às comunidades removidas do interior do Parque e realocadas em áreas do entorno. O apoio do ICMBio foi estratégico para viabilizar a criação e a manutenção dos assentamentos de antigos moradores do Parque Nacional.

O grupo que representa a população local possui ações de destaque no campo da qualificação profissional, apoiando e fomentando cursos profissionalizantes. Também atua como organizador de palestras e outros eventos focados principalmente na valorização da cultura local. Entre os eventos organizados pelo grupo, o de maior destaque é o Encontro dos Povos do Grande Sertão Veredas. Apresenta-se, a seguir, o cartaz do último Encontro organizado pelo instituto.



Figura 4: Cartaz do XII Encontro dos Povos do Grande Sertão Veredas
Fonte: Instituto Rosa e Sertão

Com relação a “planejamento e estruturação”, o Instituto Rosa e Sertão auxilia a organização de conselhos locais e está constantemente promovendo debates dentro das pequenas comunidades da região. A finalidade dessas ações é manter a população participativa e atuante sobre as decisões políticas locais.

A Cooperativa de Agricultores possui uma atuação mais focada na produção e na distribuição de seus produtos, ficando em segundo plano as ações voltadas para o mercado turístico. Suas principais ações estão voltadas para a qualificação dos pequenos produtores e incremento da estrutura de apoio como estocagem e transporte. No entanto, a Cooperativa faz questão de participar do Encontro dos Povos e em outros eventos relacionados à produção agrícola e ao extrativismo.

Os empresários da região afirmam não participar de ações para qualificação do município, pela ausência das mesmas. Segundo o presidente da Associação, já foram desenvolvidas ações no intuito de inventariar a oferta turística do município, mas atualmente não há nenhuma ação para incrementar o fluxo turístico na região. Há, ainda, ações desenvolvidas no intuito de qualificar a mão de obra, mas o foco não é o mercado turístico.

3.2.3. Turismo de Base Comunitária

Essa última parte da entrevista é fundamental, pois expõe a visão e percepção dos atores com relação ao TBC. É interessante perceber que nessa parte das entrevistas se encontram as maiores diferenças entre os entrevistados.

Novamente se organizam as respostas em eixos temáticos (apoio indireto; identificação de grupos interessados; qualificação profissional; planejamento e gestão; inexistente/pouco atuante), que serão posteriormente esclarecidos, apresentados no **Quadro 4** que se segue.

ATORES	Relação com o TBC				
	Apoio Indireto	Identificação de Grupos Interessados	Qualificação Profissional	Planejamento e Gestão	Inexistente/ Pouco atuante
Secretaria de Meio Ambiente e Turismo	X	X			
ICMBio					X
Instituto Rosa e Sertão		X	X	X	
COOP Sertão				X	X
Associação Comercial Empresarial					X

Quadro 4: Atuação relacionada com o Turismo de Base Comunitária

Fonte: elaborado pelo próprio autor, a partir da pesquisa de campo.

Para o Poder Público, representado pela Secretaria de Turismo, o foco principal é a estruturação e o reconhecimento do Circuito Turístico da região. Atividades ligadas à qualificação profissional para habitantes locais ou estruturação de pequenas comunidades para receber os visitantes são atividades que ficam a cargo de ONGs e outras instituições.

A Secretária informou que o governo local apoia essas atividades, auxiliando na logística e na divulgação. Informou ainda, que trabalham na identificação de comunidades com interesse pelo Turismo Comunitário.

O ICMBio restringe suas ações ao Parque Nacional e seu entorno. O Instituto costuma apoiar atividades econômicas sustentáveis no entorno do Parque, contudo, sem se envolver profundamente ou administrar tais ações.

O representante dos moradores locais é o ator mais envolvido com práticas de TBC, promovendo cursos e ações de qualificação, incentivando a criação de hospedarias familiares

e pequenos negócios voltados para o setor. Nesse momento apresenta-se algo muito próximo ao que diz Coriolano (2009), quando afirma que residentes de áreas com potencial turístico se organizam em movimentos de resistência ao turismo elitista, a fim de criar oportunidades de trabalho nas comunidades periféricas.

Há ainda as discussões e ações promovidas no espaço do projeto e que servem para o planejamento do TBC, além da identificação de grupos e comunidades com interesse pelo tema.

A Cooperativa se enquadra como um órgão que apoia discretamente o Turismo de Base Comunitária. A razão para isso, segundo afirmação do presidente da Cooperativa, é que apesar de possuir assento nos conselhos decisórios do turismo na região e, normalmente, participar de cursos e palestras promovidos sobre o tema, o envolvimento é superficial e a cooperativa tende a seguir as ações e recomendações do Instituto Rosa e Sertão.

Por fim, os empresários da região admitem o interesse em investir no turismo, entretanto, a sazonalidade e o baixo fluxo são apontados como desmotivadores. Associado a essa sazonalidade está o fato empresários e produtores divergirem sobre a questão da comercialização dos produtos locais.

Produtores demandam por maior espaço no comércio local. Já os comerciantes admitem aumentar o espaço com a condição de adquirir os produtos por consignação. Empresários alegam que os produtos não vendem na baixa temporada e, portanto, a compra consignada seria o ideal. No entanto, o produtor assume maiores custos e riscos nesse tipo de negociação.

3.2.4. Análise Crítica

Observando as diversas visões, contrapondo as informações e analisando as opiniões dos atores locais entrevistados, é possível ter uma imagem mais clara do atual estado de desenvolvimento do Turismo dentro de Chapada Gaúcha.

Primeiramente, é possível supor que a comunicação e os debates acerca dos temas relacionados ao Turismo dentro da região são executados de maneira falha. É natural que haja divergência de opiniões e visões, no entanto, a impressão que se tem, a partir das entrevistas realizadas, é que o diálogo entre os diversos atores é limitado e não é feito de modo a reunir todos. Isto é, aparentemente, dois ou três atores dialogam entre si, mas as questões nunca chegam a ser discutidas em um conselho com a participação de todos os interessados.

Analizando o primeiro eixo temático das entrevistas, por exemplo, é perceptível o desalinhamento entre empresariado local, poder público e comunidade. O poder público trabalha de maneira discreta, apoiando ações de terceiros e aguardando reconhecimento do Circuito pela Secretaria de Turismo do Estado.

Os empresários investiram na inventariação e reclamam de abandono por parte do poder público na atualidade. Segundo eles: “Já houve diálogo e ações foram desenvolvidas em momentos anteriores, mas o atual governo não tem trabalhado conosco para investir na região.”

A comunidade local age de maneira mais independente, promovendo cursos, palestras e eventos. O problema dessa ação independente está no possível descompromisso do governo local com essa proposta, podendo gerar reviravolta e abandono de boas ações no futuro.

Nesse momento pode-se reconhecer a dificuldade relacionada ao empoderamento da comunidade local. Apesar de possuir uma entidade que a represente, e ações estarem ocorrendo, a comunidade local parece não ter voz ativa na tomada de decisões. Nesse sentido, os conselhos têm seu papel reforçado por serem os espaços ideais para o diálogo e tomadas de decisões em prol da coletividade.

Com relação ao Turismo de Base Comunitária como modelo alternativo, a conclusão que se pode chegar é que o município ainda precisa de maior preparação. O fato de apenas um dos atores estar envolvido com práticas ligadas ao TBC acaba dificultando a consolidação dessa proposta para a região. É necessário que os conselhos sejam reativados e que o poder público passe a encarar o modelo comunitário como uma real possibilidade para o turismo local.

ICMBio e Cooperativa são dois atores de menor destaque no atual momento do Turismo local. Apesar de ser apontado por todos os entrevistados como o principal atrativo, o Parque Nacional ainda carece de estrutura e de pessoal qualificado para a condução de visitantes.

Tendo em vista o potencial inexplorado e o grande número de interessados em atuar com o Turismo, talvez seja interessante que o governo local desenvolva projetos de formação de condutores ambientais e guias de turismo dentro das comunidades que vivem nos limites do Parque. Um projeto bem estruturado e planejado pode representar uma parceria entre governo federal e municipal que diminua custos para ambos e que crie oportunidades em médio e longo prazo.

A atuação dos pequenos agricultores talvez seja o maior desafio. Ainda que represente um potencial inexplorado, a inclusão dos pequenos agricultores e de suas famílias no mercado

turístico necessita de um aumento do fluxo turístico para a região. É difícil imaginar que um projeto voltado a criação de hospedagens familiares ou restaurantes caseiros vá representar um diferencial significativo na renda dessas pessoas no momento atual.

O segundo ponto a se destacar é a falta de um planejamento mais efetivo. Ao ser questionada sobre a existência de um Plano de Turismo para o município, a Secretária de Turismo afirmou que a intenção do poder público é aguardar o reconhecimento do Circuito Urucuia Grande Sertão e, só então, pensar as ações de turismo em conjunto com os demais municípios.

Essa atitude, talvez, justifique-se e faça sentido para o longo prazo. No entanto, entende-se que seria interessante o município trabalhar para definir prerrogativas e metas para si. O trabalho em rede é interessante e pode ser um modo de impulsionar o turismo local, porém, é de extrema importância a existência de padrões que orientem a atividade no momento atual.

A pouca atuação no planejamento local tem como consequência o baixo envolvimento de atores importantes, como pequenos agricultores e empresários locais. Dessa maneira a cooperativa ainda trabalha numa lógica quase de subsistência, e os empresários locais enxergam o poder público fechado para o desenvolvimento do Turismo.

Caso a percepção consensual dos principais atores seja a de que o Turismo local realmente deve esperar o reconhecimento do Circuito, seria interessante começar a trabalhar com o intuito de preparar o município de Chapada Gaúcha para o futuro. Poderia se recuperar os conselhos previamente criados e fortalecer os canais de diálogo entre os diversos setores, por exemplo.

Para concluir, deve-se destacar as boas ações que já estão se desenvolvendo e que podem contribuir para uma estruturação adequada do Turismo e o desenvolvimento do TBC na região.

O fato de o Poder Público estar focado no trabalho em rede com outros municípios é muito interessante. Esse tipo de trabalho tende a diminuir custos para os municípios participantes, além de elevar a importância das demandas locais, conforme palavras da Secretária: *“É mais fácil pedir algo para nove do que para um”*.

Como apresentado anteriormente, é necessário perceber que o trabalho em rede não exclui a necessidade do planejamento municipal. No entanto, espera-se que após o reconhecimento do circuito haja maior foco da Secretaria nas necessidades municipais.

O trabalho do ICMBio é bastante focado no Parque Nacional e na região do entorno. Todavia, o trabalho educativo realizado pelo Instituto é relevante por expandir a percepção

quanto a importância da preservação do bioma nativo. Isto é, ainda que tenha sua atuação limitada ao Parque Nacional, as ações do ICMBio possuem um alcance muito maior.

Nesse ponto é interessante destacar a possibilidade de outros atores incentivarem e participarem de ações similares às visitas educativas ao Parque. É fundamental que haja um maior diálogo entre empresários e entidades de proteção do meio ambiente, por exemplo.

Essa aproximação tende a facilitar o conhecimento e a compreensão das normas e leis ambientais por parte dos empresários, além de possibilitar o trabalho em equipe para elaborar soluções e adaptações que respeitem a legislação. Na entrevista com a Associação Comercial, ficou evidente que comerciantes locais não têm plena compreensão da importância das normas que protegem e limitam o uso dos atrativos naturais.

Houve, por exemplo, o momento em que o representante dos empresários afirmou que já houve um plano para se construir um grande “Hotel Fazenda” dentro da área do Parque. Esse tipo de comentário evidencia a importância de informar não só a população local, mas também os responsáveis pela geração de renda dentro do município.

Seguindo em frente, a atuação do Instituto Rosa e Sertão é notória, uma vez que as ações são desenvolvidas em eixos temáticos que buscam reforçar o valor da cultura local e promover o conhecimento de culturas tradicionais entre as populações locais.

Novamente, é fundamental reforçar a necessidade do poder público em assumir um papel mais atuante, reconhecendo, fomentando e planejando ações com grupos organizados da população local. É necessário que o governo local assuma as ações de inclusão socioeconômica como parte de suas políticas públicas.

Sobre a Cooperativa de pequenos produtores, deve-se reconhecer que sua atuação dentro do mercado turístico ainda é discreta. Apesar de receber visitas e participar em eventos, o foco da cooperativa ainda é qualificar a produção local, seja melhorando as estruturas de suporte, seja trabalhando na qualificação dos processos produtivos.

O fato de a Cooperativa participar de conselhos é positivo, no entanto, é necessário que haja maior envolvimento. Esse trabalho pode ser feito com apoio da prefeitura, dos grupos populares e do empresariado. É de suma importância que os atores locais percebam que a produção local representa um importante ativo dentro do Turismo.

Quanto ao empresariado local, o fato de maior destaque é o interesse pelo Turismo. Conforme a entrevista realizada, há interesse em se expandir o mercado turístico e atrair mais visitantes, no entanto, os empresários enxergam pouco incentivo por parte do poder público, além de entraves com a legislação ambiental.

Uma análise mais cuidadosa da entrevista realizada com o representante dos empresários permite concluir que o interesse da comunidade local em receber turistas ainda esbarra em dificuldades estruturais e de organização. O empresariado não está disposto a investir recursos sem garantias de retorno.

Esse cuidado é bastante natural, contudo, na atual situação em que há poucos recursos e organização falha, é interessante que os empresários assumam um papel de liderança e mediação dentro do município, aliado ao Poder Público.

Vale lembrar que o TBC supõe uma maior participação da população local na tomada de decisões e na organização do turismo, e que uma atuação de liderança dos empresários não significa, necessariamente, o abandono dessa proposta. O que se sugere com uma maior responsabilização dos empresários é o aproveitamento da visão mercadológica dessa classe para organizar os conselhos e grupos de debate com maior foco nos resultados.

Há uma tendência mundial em se associar o pragmatismo do setor privado com a visão democratizante e coletivista do setor público. Essa proposta é uma alternativa para o Município de Chapada Gaúcha na atual conjuntura. Reforçando a necessidade de não se permitir que a visão empresarial supere ou substitua a opinião dos habitantes locais, cabendo ao Poder Público o papel de mediar esses debates.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Após avaliar cuidadosamente a realidade observada no trabalho de campo e compará-la com as informações levantadas na etapa de pesquisa teórica, quando foram observados conceitos de Turismo e analisados planilhas e dados estatísticos do município, é possível fazer algumas afirmações sobre a atual situação de Chapada Gaúcha.

Primeiramente, o trabalho de campo permitiu a visualização de uma realidade mais próxima de uma cidade do agronegócio do que de um destino turístico. Conforme ilustrado pelas entrevistas realizadas, a maior parte dos visitantes do município viaja para a região em datas festivas ou com algum objetivo específico, desse modo, a troca de experiências entre habitantes locais e turistas é bastante limitada.

A maior parte dos turistas visita Chapada Gaúcha por conta do Encontro dos Povos, da Festa de Santo Antônio ou para conhecer o Parque Nacional. No entanto, conforme informações da gestão do Parque, o mesmo não possui boa estrutura para receber os turistas, com estradas arenosas, poucos pontos de apoio, baixa disponibilidade de guias e apenas uma trilha plenamente estruturada.

Com um fluxo turístico muito sazonal é difícil encontrar estabelecimentos voltados para o turismo. Há apenas três hotéis na cidade, que atendem majoritariamente pessoas que estão de passagem ou viajando a trabalho, e apenas um guia reconhecido e indicado por alguns dos atores entrevistados.

Todos esses fatores corroboram com a noção de que a economia de Chapada Gaúcha ainda depende da produção agrícola e uma mudança nessa realidade, com uma maior participação do Turismo, ainda necessita de planejamento, maior investimento na estruturação e na promoção da cidade.

O segundo ponto a se destacar são as boas práticas observadas no município. A proatividade e o interesse são características marcantes do grupo que representa a população. Apesar do apoio discreto e dos poucos investimentos econômicos, o Instituto Rosa e Sertão desenvolve um trabalho importante ao organizar palestras, cursos e grupos de debate dentro do município.

Os demais atores têm um posicionamento mais distante do TBC. Eles acreditam que é uma possibilidade para a região, mas não atuam no sentido de fomentar essa prática. Quando questionados sobre o tema, admitiram sua importância, porém informaram não participar ativamente de ações relacionadas.

Além disso, o governo afirma apoiar as práticas ligadas ao TBC, fornecendo transporte e alimentação para os participantes de eventos organizados pelo Rosa e Sertão, por exemplo. Porém, é crucial um maior envolvimento por parte do poder público conduzindo ações próprias, e não apenas apoiando ações de terceiros.

Outra questão importante é o fato de o município já ter realizado um inventário da oferta turística. Já foram identificados os principais atrativos naturais e culturais, o problema é a dificuldade para se encontrar essas informações. O endereço eletrônico do município não disponibiliza esse inventário e não há nenhum link ou página de direcionamento para as informações turísticas do município.

Essa talvez seja a maior dificuldade para o visitante. Há poucas informações sobre o município na internet e algumas estão defasadas ou incorretas. Seria pertinente a atualização dos dados e a melhoria da apresentação da página do município, bastante antiquada e confusa.

Outro aspecto a ser destacado positivamente é a intenção do Poder Público de trabalhar em rede com outros municípios que façam parte do Roteiro Urucuia – Grande Sertão. A escolha pelo trabalho em rede é interessante, pois fortalece a capacidade do destino de atrair turistas e também promove a movimentação de pessoas dentro do próprio circuito. Essa movimentação interna incrementa o fluxo e diminui a dependência dos grandes centros emissores como Brasília e Belo Horizonte.

Ainda sobre o trabalho em grupo, a diminuição dos custos relacionados à divulgação é significativa, uma vez que o trabalho publicitário não precisa ser feito individualmente. A promoção de um grupo de municípios também favorece o consumidor, que percebe uma maior variedade de opções e tende a buscar um circuito com diversos atrativos e opções em detrimento de um pequeno município que trabalhe isoladamente.

Por fim, devem-se destacar os dois atores relacionados ao setor privado e que tiveram participação fundamental no trabalho. A Cooperativa Sertão Veredas mostrou-se distante do Turismo, entendendo que o fenômeno tem pouca influência e baixo interesse para seus cooperados.

Conforme apresentado anteriormente, a Cooperativa está mais focada em resolver as dificuldades atuais e fortalecer suas relações comerciais. Segundo o presidente, as decisões e orientações sobre o Turismo seguem a mesma linha do Instituto Rosa e Sertão, reconhecido como o principal parceiro nessa área.

Já os empresários se mostraram interessados na expansão do Turismo, sem demonstrar, no entanto, grande ânimo para investir no setor sem maior compromisso do poder público. Conforme dito na análise de resultados, parece interessante incentivar a participação

empresarial na organização de debates e conselhos de Turismo. Apesar de parecer contraditório às propostas e ideais do TBC, a visão empresarial tende a ser mais focada em resultados e pode garantir maior eficiência aos conselhos.

Novamente, deve-se destacar que o poder público e a comunidade devem estar presentes e não podem ter seus interesses e prerrogativas desprezados. Caso seja do seu interesse adotar o Turismo de Base Comunitária como modelo alternativo ao existente, é importante que ele represente uma real possibilidade de desenvolvimento para a localidade, ou dificilmente irá se estabelecer.

É fundamental que os cinco principais atores dialoguem e, se possível, levem o debate para as pequenas comunidades interessadas em receber os turistas. Como foi observado na pesquisa teórica e confirmado pelo trabalho de campo, há diversos atrativos com potencial para atrair fluxos turísticos mais constantes. Entende-se que Chapada Gaúcha e outros municípios próximos possuem atrativos naturais similares aos de outras regiões em que o turismo já está consolidado.

O diferencial para a região está ligado às paisagens e atrativos com um maior grau de preservação e a possibilidade de se desenvolver uma experiência turística genuinamente regional, protegendo a localidade da invasão de empresários e agentes externos. Não se trata de proibir a entrada de empresários de fora da região, mas fortalecer a população de modo a evitar que a essência da localidade se perca.

REFERÊNCIAS

- BARTHOLO, Roberto et al. **Marco referencial teórico para o Turismo de Base Comunitária**. Rio de Janeiro: LTDS, 2011.
- BARTHOLO, Roberto (Org.); SANSOLO, Davis Gruber (Org.); BURSZTYN, Ivan (Org.). **Turismo de Base Comunitária: diversidade de olhares e experiência brasileira**. Rio de Janeiro: Letra e Imagem. 2009.
- BUARQUE, Sergio. **Construindo o desenvolvimento local sustentável**. Rio de Janeiro: Garamond, 2008.
- BURSZTYN, Ivan. **Desatando um nó na rede: sobre um projeto de facilitação do comércio direto do turismo de base comunitária na Amazônia**. 2012. Tese de Doutorado – COPPE, Universidade Federal do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, 2012.
- COLES, Tim; DUVAL, David; SHAW, Gareth. **Student's Guide to Writing Dissertations and Theses in Tourism Studies and Related Disciplines**. Abingdon: Routledge, 2013. p. 61-63.
- CORIOLOANO, Luzia Neide et al. **ARRANJOS PRODUTIVOS LOCAIS DO TURISMO COMUNITÁRIO: Atores e Cenários em mudança**. Fortaleza: EdUECE, 2009.
- DEMO, Pedro. **Metodologia do Conhecimento Científico**. São Paulo: Atlas. 2000.
- IGNARRA, Luiz Renato. **Fundamentos do turismo**. São Paulo: Pioneira Thomson Learning, 2003
- KRIPPENDORF, Jost. **Sociologia do Turismo: para uma nova compreensão do lazer e das viagens**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1989.
- MALDONADO, Carlos. Turismo Rural Comunitário na América Latina: geênesis, características e políticas. In: BARTHOLO, Roberto (Org.); SANSOLO, Davis Gruber (Org.); BURSZTYN, Ivan (Org.). **Turismo de Base Comunitária: diversidade de olhares e experiência brasileira**. Rio de Janeiro: Letra e Imagem. 2009. p. 25-45.
- MOESCH, Marutschka Martini. **A produção do saber turístico**. 2 ed. São Paulo: Contexto, 2002.
- SACHS, Ignacy. **Desenvolvimento: includente, sustentável, sustentado**. Rio de Janeiro: Garamond, 2008.
- SCHEYVENS, Regina. **Ecotourism and the empowerment of local communities**. *Tourism Management*, Volume 20, 245–249, 1999.
- SINGER, Paul. **Introdução à Economia Solidária**. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2002.

TASSO, João Paulo. **À procura da inclusividade: estudo sobre os fatores de inclusão socioeconômica em destinos turísticos brasileiros**. 2014. p. 310. Tese de Doutorado – Centro de Desenvolvimento Sustentável, Universidade de Brasília. Brasília, 2014.

ZAOUAL, Hassan. Do turismo de massa ao turismo situado: quais as transições? In: BARTHOLLO, Roberto (Org.); SANSOLO, Davis Gruber (Org.); BURSZTYN, Ivan (Org.). **Turismo de Base Comunitária: diversidade de olhares e experiência brasileira**. Rio de Janeiro: Letra e Imagem. 2009. p. 55-76.

Agência Minas, Governo de Minas conclui pavimentação do segundo maior trecho do Programa ProAcesso. Disponível em:

<<http://www.agenciaminas.noticiasantigas.mg.gov.br/noticias/governo-de-minas-conclui-pavimentacao-do-segundo-maior-trecho-do-programa-proacesso/>>.

Acesso em: 15 de novembro de 2015.

Atlas do Desenvolvimento Humano no Brasil, Disponível em:

<<http://www.atlasbrasil.org.br/2013/>>. Acesso em: maio de 2015.

IBGE, IBGE cidades. Disponível em:

<<http://www.cidades.ibge.gov.br/xtras/perfil.php?lang=&codmun=311615&search=minas-gerais|chapada-gaucha>>. Acesso em: maio de 2015.

Sistema FIRJAN, Índice FIRJAN de Desenvolvimento Municipal. Disponível em:

<<http://www.firjan.com.br/ifdm/consulta-ao-indice/ifdm-indice-firjan-de-desenvolvimento-municipal-resultado.htm?UF=MG&IdCidade=311615&Indicador=1&Ano=2011>>.

Acesso em: maio de 2015.

APÊNDICE

Roteiro de Entrevista

Roteiro a ser seguido na realização de entrevista com atores locais importantes para a organização e gestão do Turismo no Município de Chapada Gaúcha – MG.

A) Dados Pessoais:

1. Nome:
2. Idade:
3. Gênero:
4. Profissão:
5. Escolaridade/Formação profissional:
6. Instituição:
7. Função exercida:
8. Tempo em que atua na instituição e que ocupa a função:
9. Contato:

B1) Entrevista na Secretaria de Meio Ambiente e Turismo:

Como a Secretaria de Meio Ambiente e Turismo atua no município? Quais as principais atividades desenvolvidas no âmbito do setor turístico?

Que tipo de relação a Secretaria estabelece com a população local?

Há quanto tempo a Secretaria atua no município, trabalhando com atividades ligadas ao setor turístico?

-Problemas/Oportunidades-

Quais os principais desafios encontrados para o desenvolvimento do turismo no município?

Quais são os principais impactos (positivos e negativos) do turismo na região?

Como a Secretaria tem trabalhado para solucionar os problemas atuais?

Há algum Plano Municipal de Turismo para a localidade? Se “sim”, quais as diretrizes/focos temáticos? Se “não”, há algum projeto sendo elaborado?

-Ações-

Quais foram as principais ações, de fomento ao turismo, já desenvolvidas, e que tipo de turismo se busca desenvolver na região?

Em algum momento foram identificadas e mapeadas potencialidades naturais, produtivas, e/ou culturais no município para aproveitamento turístico? Quais?

O município conta com ações que busquem qualificar os produtos e os serviços turísticos?

-Turismo de Base Comunitária (TBC)-

Há incentivos do poder público para o aumento da participação popular nos benefícios econômicos do turismo?

Já foram identificados grupos e organizações populares com interesse pelo turismo?

Há algum incentivo para a criação de negócios familiares (hospedagem, restaurantes, produtos típicos e etc) ou para desenvolver o TBC?

Roteiro de Entrevista

Roteiro a ser seguido na realização de entrevista com atores locais importantes para a organização e gestão do Turismo no Município de Chapada Gaúcha – MG.

A) Dados Pessoais:

10. Nome:
11. Idade:
12. Gênero:
13. Profissão:
14. Escolaridade/Formação profissional:
15. Instituição:
16. Função exercida:
17. Tempo em que atua na instituição e que ocupa a função:
18. Contato:

B2) Entrevista no ICMBio:

Como o ICMBio atua no município e há quanto tempo?

Quais as principais atividades desenvolvidas no âmbito do setor turístico?

-Problemas/Oportunidades-

Quais são os principais problemas enfrentados pelo ICMBio na gestão da atividade turística do Parque?

Há alguma dificuldade de relacionamento entre a gestão do Parque e a população local?

Qual é a percepção do ICMBio quanto ao turismo e seus impactos no município (dentro e fora do Parque)?

-Ações-

ICMBio tem apoiado o desenvolvimento de atividades econômicas alternativas? Quais as ações desenvolvidas nesse sentido?

Em algum momento foram identificadas e mapeadas potencialidades naturais, produtivas, e/ou culturais no município para aproveitamento turístico? Quais?

O ICMBio desenvolve alguma ação para a conscientização da população local quanto a importância do Parque?

-Turismo de Base Comunitária-

Há alguma atuação da comunidade local dentro do Parque Nacional? (extrativismo vegetal ou pesca)

A perspectiva do TBC possui, dentre outras coisas, a preocupação com a prudência ambiental. Você acredita ser importante o desenvolvimento desse modelo de turismo no Município? Por quê?

Roteiro de Entrevista

Roteiro a ser seguido na realização de entrevista com atores locais importantes para a organização e gestão do Turismo no Município de Chapada Gaúcha – MG.

A) Dados Pessoais:

1. Nome:
2. Idade:
3. Gênero:
4. Profissão:
5. Escolaridade/Formação profissional:
6. Instituição:
7. Função exercida:
8. Tempo em que atua na instituição e que função ocupa:
9. Contato:

B3) Entrevista com Rosa e Sertão:

Como o Instituto atua no município? Há quanto tempo?

O Instituto trabalha com atividades ligadas ao setor turístico? Se “sim”, quais? E há quanto tempo?

-Problemas/Oportunidades-

Qual é a percepção da população quanto ao modelo de turismo que se desenvolve no município atualmente?

Quais são os principais impactos (positivos e negativos) do turismo na região?

Quais são os maiores desafios para o desenvolvimento do turismo?

-Ações-

O Rosa e Sertão tem atuado no incentivo ao desenvolvimento de atividades comunitárias ligadas ao turismo, tais como:

- a) Hospedaria familiar?
- b) Melhoria dos arranjos produtivos locais (pequena produção comunitária)?
- c) Capacitação e qualificação profissional (cursos) para atuação no setor?

O Instituto tem trabalhado para aumentar a participação popular nos benefícios econômicos do turismo? Como?

-Turismo de Base Comunitária-

Já foram identificados grupos e/ou organizações populares com interesse pelo turismo?

Há participação efetiva da comunidade no planejamento, na organização e na gestão do turismo no município?

Como ocorre essa participação?

Há alguma movimentação no sentido de promover uma maior integração entre turistas e a população local?

Roteiro de Entrevista

Roteiro a ser seguido na realização de entrevista com atores locais importantes para a organização e gestão do Turismo no Município de Chapada Gaúcha – MG.

A) Dados Pessoais:

1. Nome:
2. Idade:
3. Gênero:
4. Profissão:
5. Escolaridade/Formação profissional:
6. Instituição:
7. Função exercida:
8. Tempo em que atua na instituição e que função ocupa:
9. Contato:

B4) Entrevista na Cooperativa de agricultores e extrativistas:

Como a cooperativa atua no município? Há quanto tempo?

-Problemas/Oportunidades-

Qual é a percepção da cooperativa quanto ao modelo de turismo que se desenvolve no município?

Quais os principais problemas enfrentados pelos pequenos produtores da região?

Quais são os principais impactos (positivos e negativos) do turismo na região?

A cooperativa e os pequenos produtores enfrentam dificuldades na comercialização e na promoção dos produtos para os turistas ou para o mercado turístico (pousadas e restaurantes)?

-Ações-

Há alguma ação no sentido de intensificar a relação comercial direta da cooperativa com o mercado turístico?

Quais ações têm sido desenvolvidas para solução dos problemas atuais?

Há ações conjuntas entre cooperativa, poder público e/ou empresariado para aumentar os benefícios da produção?

-Turismo de Base Comunitária-

A cooperativa tem propostas ou interesse em participar das tomadas de decisões relacionadas ao desenvolvimento do Turismo no município?

Há interesse dos membros da cooperativa em participar do mercado turístico oferecendo produtos e/ou serviços? (hospedagem familiar, venda de produtos e etc.)

Qual o posicionamento da cooperativa com relação a uma proposta de turismo focado na valorização da cultura, dos produtos de base comunitária e dos habitantes locais?

Roteiro de Entrevista

Roteiro a ser seguido na realização de entrevista com atores locais importantes para a organização e gestão do Turismo no Município de Chapada Gaúcha – MG.

A) Dados Pessoais:

1. Nome:
2. Idade:
3. Gênero:
4. Profissão:
5. Escolaridade/Formação profissional:
6. Instituição:
7. Função exercida:
8. Tempo em que atua na instituição e que função ocupa:
9. Contato:

B5) Entrevista com empresários e empreendedores do setor turístico:

Há quanto tempo seu empreendimento atua no setor turístico do município?

Como é a relação do empresariado com a população local? Quais as atividades desenvolvidas em conjunto?

Como é a relação com o poder público? Quais as atividades desenvolvidas em conjunto?

-Problemas/Oportunidades-

Qual a percepção dos empreendedores em relação ao estado atual do turismo no município?

Quais são as maiores dificuldades enfrentadas atualmente para consolidar o turismo no município?

Quais são os principais impactos (positivos e negativos) do turismo na região?

-Ações-

O empresariado possui participação ativa no planejamento e na gestão do turismo?

Existem ações sendo desenvolvidas para incrementar os fluxos turísticos para a região?

Há parcerias entre a iniciativa privada e o poder público para qualificar o turismo do município?

Que tipo de ação de fomento os empreendedores estariam dispostos a apoiar?

-Turismo de Base Comunitária-

Como o empresariado enxerga uma maior integração da população local ao mercado turístico? (fornecendo produtos e serviços)

Os empresários estariam dispostos a adquirir produtos de base comunitária para ofertarem em seus estabelecimentos? Se sim, por que hoje não o fazem?